

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Julho/2017 – Nº 50





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Janice M. Waintuch Reiter
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Haroldo Tavares Elias
Marcia Mondardo
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2017

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual: Abel da Silveira Viana

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

Sumário

Levantamento de dados sobre a fruticultura catarinense na safra 2014/15.....	7
Fruticultura	12
Banana	12
Grãos	15
Arroz	15
Milho.....	18
Soja	23
Trigo.....	26
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola	31
Pecuária	34
Avicultura.....	34
Bovinocultura	41
Suinocultura.....	46
Leite	53

Levantamento de dados sobre a fruticultura catarinense na safra 2014/15

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br
Marcia Mondardo
Eng.-Agrônoma, MSc. - Epagri/Cepa
mmondardo@epagri.sc.gov.br
Janice M. Waintuch Reiter
Economista, MSc. - Epagri/Cepa
janice@epagri.sc.gov.br

Em Santa Catarina a fruticultura vem ocupando um papel de destaque à medida que contribui para a geração de renda de milhares de famílias rurais, principalmente, em pequenas propriedades.

Neste contexto, na safra 2014/15, o setor representou mais de 55 mil hectares colhidos com 14 mil produtores e produção de 1,5 milhão de toneladas gerando cerca de R\$ 1,0 bilhão de valor bruto da produção frutícola no estado (Epagri/Cepa, 2017).

Mas, a assimetria de informações sobre as principais culturas frutícolas torna o setor fragilizado com relação à competitividade e inovações. Por isso, é necessário fomentar estudos e levantamentos referentes às culturas frutícolas de maior representação econômica estadual como forma de incentivar a articulação de estruturas de governança e fomento do setor.

Entre as frutas produzidas no estado têm destaque maçã, banana, pêssego e uva, representando cerca de 45%, 10%, 10% e 5% da produção brasileira, respectivamente.

A caracterização estadual regionalizada da participação da produção comercial e do VBP dessas frutas na safra 2014/15 é apresentada como forma de contribuir com informações atualizadas para o setor da fruticultura tropical em Santa Catarina.

Para a elaboração do “Levantamento de dados sobre a fruticultura 2014/15” foi utilizada a pesquisa descritiva que incluiu estudos com utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados para determinar características de determinada amostra e população com análise das relações entre as variáveis e investigação de possíveis associações (GIL, 1990).

No delineamento da pesquisa foi utilizada a pesquisa documental e levantamento de dados da safra 2014/15 executado por meio de coleta e tabulação das informações municipais mediante a aplicação de questionário/formulário semiestruturado, entre julho e agosto de 2015, referentes às principais produções comerciais do estado catarinense. O levantamento contou com críticas de consistência regional, nas unidades de gestão técnicas (UGTs) da Epagri, nos 295 municípios catarinenses e tratamento estatístico, análise crítica estadual final e validação dos dados no Epagri/Cepa (MINGOTI et al., 2014; BUSSAB & MORETTIN 2003).

Principais frutas de clima tropical

As principais frutas de clima tropical catarinenses, que foram determinadas a partir da quantidade produzida e valor bruto da produção (VBP) gerado no estado, são: banana, maracujá, laranja e tangerina.

Nos resultados da pesquisa da safra 2014/15, a bananicultura, com 3.678 produtores e presente em 74 municípios do estado, representou 48,5% da produção da fruticultura catarinense e 30,1% do VBP estadual frutícola. A banana-caturra representa 42% da produção estadual de frutas e contribui com 21,1% do VBP

do setor em 37,7% da área em produção de frutas na safra 2014-15. A banana-prata representa 6,5% da produção total gerando 8,9% do VBP estadual em 13,6% de área colhida.

A cultura do maracujazeiro participou com 1,5% da produção estadual gerando 2,5% do VBP total frutícola. Com cerca de 656 produtores em 46 municípios catarinenses, a produção de maracujá representou 2,4% da área em produção.

Na citricultura, a produção de laranja com mais 1.371 produtores em 108 municípios participou com 1,5% da produção frutícola, estadual gerando 1,1% do VBP total frutícola, em 2,9% da área em produção. Já a produção de tangerina representou 0,6% da produção de frutas, com participação de 0,6% no VBP estadual das frutas, com 74 produtores em 1,1% da área total em produção levantada na pesquisa, e distribuídos em 70 municípios catarinenses.

Principais frutas tropicais em Santa Catarina – Levantamento da fruticultura 2014/15

Fruta	Área total média/produtor (ha/produtor)	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	VBP da produção (R\$ mil)
Banana		28.424	735.120	25.863	309.049,73
Banana-caturra	5,90	20.831	637.008	30.580	217.330,42
Banana-prata	2,10	7.593	98.112	12.921	91.719,31
Maracujá	1,90	1.260	22.403	17.780	25.541,68
Citros	2,50	2.162	30.667	14.185	17.743,80
Laranja	1,20	1.573	22.424	14.256	11.177,43
Tangerina	1,30	589	8.243	13.995	6.566,37
Total		31.846	788.190	24.750	352.335,21
Fruticultura SC		55.272	1.514.820	27.407	1.028.878,10

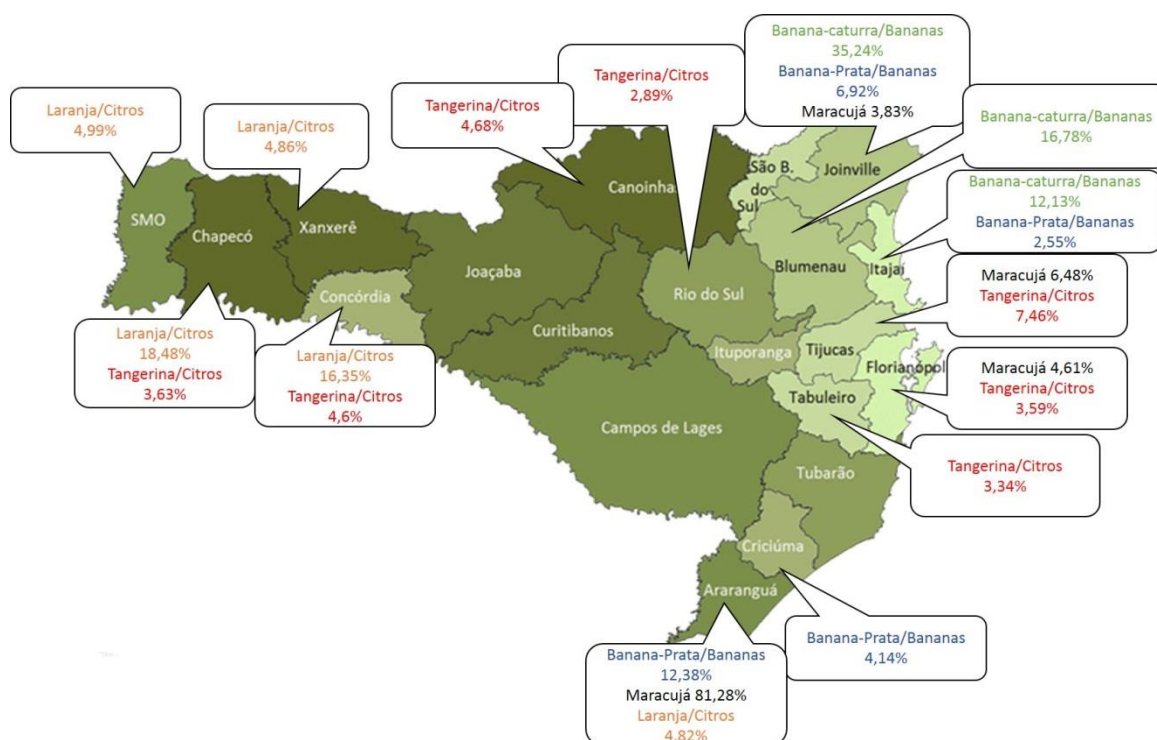
Fonte: Epagri/Cepa, 2016 e 2017.

Conforme os dados do levantamento da fruticultura comercial catarinense (Epagri-Cepa, 2016) são possíveis inferências sobre a bananicultura distribuída nas mesorregiões e microrregiões do estado.

A bananicultura estadual concentra suas lavouras permanentes na mesorregião do Norte Catarinense com cerca de 50% da produção e 44% do VBP do setor frutícola (GOULART JR. et al., 2016). A banana-caturra, na microrregião de Joinville, apresentou 44,5% da produção da fruta e 22% da produção total da fruticultura, gerando um VBP de R\$ 108,7 milhões, ou seja, 35,2% do VBP da bananicultura. Já a banana-prata contribuiu com 7% do VBP da fruta, e a sua produção, na safra 2014/15, foi de cerca de 4% da bananicultura.

O Vale do Itajaí contribui com 39% da produção de banana e 33% do VBP. A microrregião de Blumenau contribui para a produção de banana-caturra com 21% da produção da fruta, gerando cerca de R\$ 51,8 milhões. Na microrregião de Itajaí a banana-caturra representa 15,4% da produção da bananicultura estadual, com VBP de R\$ 37,5 milhões ou 12% do VBP da fruta.

No Sul Catarinense a banana representa 10% da quantidade produzida no estado e 21% do valor bruto gerado. Na microrregião de Araranguá a banana-prata contribuiu com 5,1% da produção da fruta, gerando um VBP de 12,4%, no valor de R\$ 38,2 milhões; enquanto a banana-caturra participa com 2,2% do VBP e 1,9% da produção da fruta.



Fonte: Epagri/Cepa, 2016 e 2017.

Principais frutas tropicais – participação no valor bruto da produção (VBP) de cada fruta por microrregião (MRG) – na safra 2014/15

No estado catarinense, a bananicultura está concentrada nas mesorregiões do Norte Catarinense e do Sul Catarinense, participando com 93% da produção e 88% do VBP total entre as principais frutas tropicais do setor frutícola estadual.

A cultura do maracujazeiro concentra-se na mesorregião do Sul Catarinense, representando 3% da produção das frutas analisadas e gerando 7% do VBP.

A citricultura está presente nas mesorregiões do Oeste Catarinense, Grande Florianópolis e Norte Catarinense com 3% da produção de laranja, gerando 3% o VBP, e com 1% da produção de tangerina, representando 2% do VBP das frutas analisadas.

Principais frutas de clima temperado

As principais frutas (variedades) de clima temperado catarinenses que foram determinadas a partir da quantidade produzida e valor bruto da produção (VBP) gerado no estado, são: maçãs (Fuji, Gala e outras); uvas (comum, de mesa e viníferas); pêssego/nectarina; ameixa; e pera.

Nos resultados da pesquisa a maleicultura, com 3.016 produtores, representou 40,9% da produção da fruticultura catarinense e 51,3% do VBP estadual frutícola. A maçã Gala representa 20,9% da produção estadual de frutas e contribui com 26,5% do VBP do setor em 14,4% da área em produção de frutas na safra 2014/15. A maçã Fuji representa 18,7% da produção total, gerando 22,9% do VBP estadual em 14,3% de área colhida. As maçãs 'Outras' participam com 1,9% do VBP, com produção de 1,2%.

A produção de pera representou 0,4% do total estadual frutícola, contribuindo com 1,3% do VBP total estadual, em 0,7% da área colhida de frutas na safra 2014/15 catarinense.

A viticultura, com uvas americanas e híbridas (comuns) e europeias (mesa e viníferas), participou com 3,5% da produção estadual, gerando 6% do VBP total, com cerca de 2.954 produtores. A uva comum, com 3,3% da produção de frutas estadual, gerou 5,1% do VBP estadual, em 5,8% da área em produção total de frutas no estado. A uva vinífera contribuiu com 0,8% do VBP, com produção de 0,2% do total das frutas no estado. A uva de mesa participou com 0,1% do VBP total do setor.

Na cultura de outras frutas de caroço, a produção de pêssego/nectarina participou com 1,6% da produção frutícola estadual, gerando 3,3% do VBP total frutícola, em 2,5% da área em produção. Já a produção de ameixa representou 1,2% da produção de frutas, com participação de 3% no VBP estadual das frutas, em 1,9% da área total em produção levantada na pesquisa.

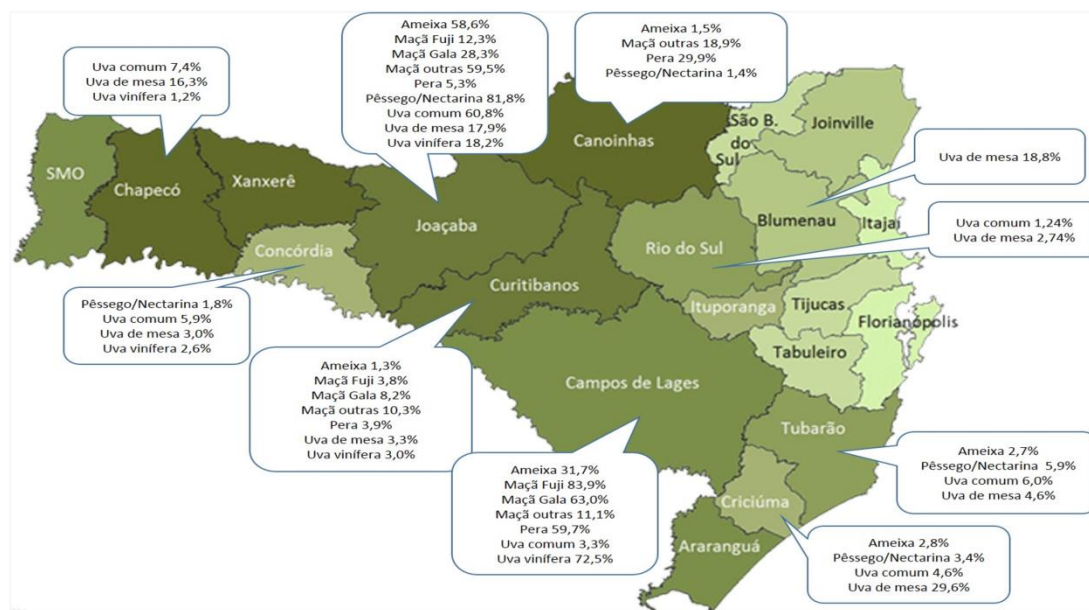
Principais frutas de clima temperado – Levantamento da fruticultura safra 2014/15

Principais frutas de clima temperado	Nº municípios produtores (unid.)	Área total média/produtor (ha/produtor)	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	VBP da produção (R\$ mil)	Preço médio ponderado (min.-max.) (R\$/kg)
Maçã Gala	30	2,81	7.937,1	316.976,0	39.936	256.188,78	0,86
Maçã Fuji	23	2,77	7.889,0	283.909,6	35.988	226.956,99	0,83
Uva Comum	157	1,16	3.197,3	50.147,7	15.684	36.217,95	0,72]-[2,52
Pêssego/Nectarina	86	1,89	1.371,1	23.888,3	17.422	31.326,53	1,44
Ameixa	55	2,44	1.039,7	18.468,6	17.764	25.806,74	1,68
Maçã – Outras	27	0,20	578,8	18.443,1	31.864	13.744,24	0,75]-[1,17
Pera	26	5,30	392,1	6.550,7	16.707	11.501,76	2,01
Uva Vinífera	25	0,80	436,6	2.641,0	6.049	4.453,51	1,69]-[3,38
Uva Mesa	22	0,19	63,3	674,6	10.657	809,52	1,20]-[4,39

Fonte: Epagri/Cepa, 2016 e 2017.

Entre as frutas relacionadas na pesquisa, a produção de maçãs Gala e Fuji representam 83% do total do grupo e está concentrada, principalmente, nas microrregiões dos Campos de Lages, Curitiba e Joaçaba.

A uva comum participa com 7% e está presente em seis das 22 MRG. Já a produção de outras frutas de caroço representa 6% no grupo analisado, e se concentra em Joaçaba e nos Campos de Lages (figura a seguir).



Fonte: Epagri/Cepa, 2016 e 2017.

Principais frutas de clima temperado – Participação na produção estadual por microrregião (MRG)

No estado catarinense, as frutas de clima temperado têm grande participação na produção frutícola estadual, sendo que maçã, pêssego/nectarina e uva representam também grande parcela da produção nacional. Conforme a análise dos dados da pesquisa, no grupo das frutas analisadas, o maior valor bruto da produção é gerado pela maleicultura, que está concentrada em quatro microrregiões e apresenta menor variação nos preços ponderados.

Já a viticultura, dispersa em nove microrregiões, apresenta diferentes variedades produzidas, o que reflete em maior amplitude do valor do preço levantado. Nas demais culturas a assimetria entre os preços pode indicar a necessidade de melhor organização do segmento no mercado.

A partir dessas informações pode-se vislumbrar a necessidade de novos estudos para caracterização da produção e da comercialização dessas culturas de clima temperado com grande participação no setor frutícola estadual e nacional.

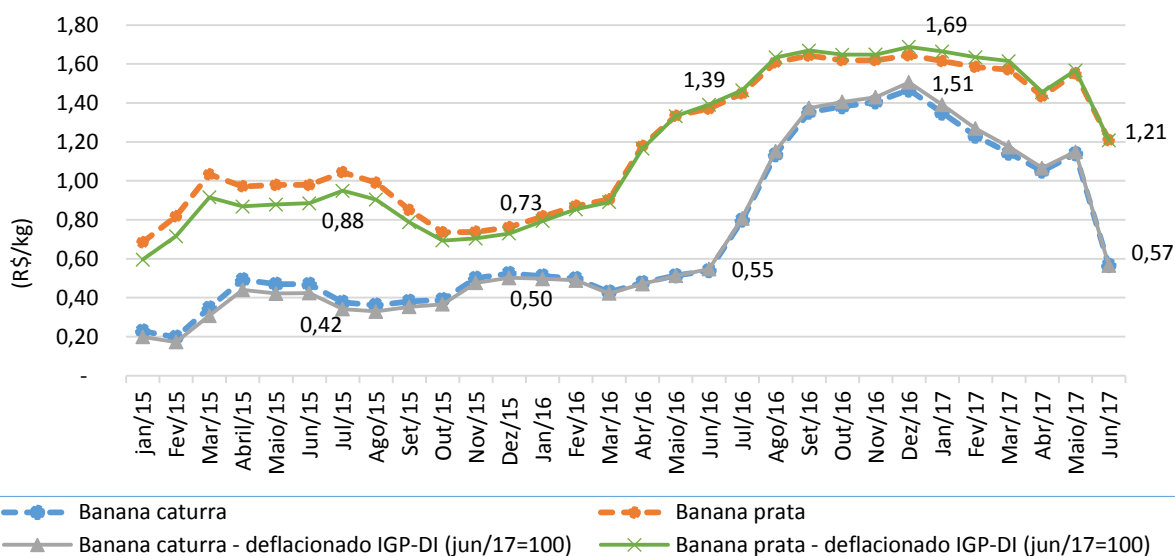
Referências

- BUSSAB, W.O. & MORETTIN, P.A. Estatística básica. 5ª edição. São Paulo: Saraiva, 2003.
- EPAGRI/CEPA. Relatório do Projeto: Fruticultura Catarinense - Valor da produção comercial na safra 2014/15. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2016 (Boletim Didático no. 135);
- Epagri/Cepa 2017 GOULART JUNIOR, R.; MONDARDO, M.; REITER, J.M.W. Relatório sobre a Fruticultura Catarinense: Fruticultura em números - Safra 2014/15. Florianópolis: Epagri, 2017. 114p. (Epagri. Documentos, 271)
- GIL, A.C. Técnicas de pesquisa em economia. 2ª ed., São Paulo: Atlas, 1990;
- GOULART JR., R.; REITER, J.M.W.; MONDARDO, M. Panorama da Fruticultura Catarinense: levantamento de dados para a safra 2014-15. In: X Encontro de Economia Catarinense, 2016, Blumenau: FURB e APEC, 12 a 13 de maio de 2016. Disponível em: < <http://apec.pro.br/> >. Acesso em: 07/ jul./2016.
- MINGOTI, R. et al. Metodologia de análise crítica de dados estatísticos históricos sobre produção agropecuária. In: Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento / Embrapa Gestão Territorial, ISSN 2317-8779, Campinas: Embrapa Gestão Territorial, 2014.

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Nota: preços deflacionados (IGP-DI/FGV – jun./17=100).

Fonte: Epagri/Cepa.

Banana - Evolução do preço mensal ao produtor em Santa Catarina – 2015 a junho de 2017

O preço mensal deflacionado da banana-caturra, no 2º trimestre de 2017, seguiu a tendência com retração de 47%. Temperaturas baixas e intempéries climáticas com ventos fortes afetaram a qualidade das frutas. No acumulado de 12 meses as cotações da banana-caturra voltam aos patamares de 2016, mas ainda seguem valorizadas em 3,3% no período. Entre janeiro e junho, o reflexo da baixa oferta com preços mais altos desde o segundo semestre de 2016 e a reversão disso a partir de dezembro determinaram uma desvalorização acumulada de 59,3% para a banana-caturra.

A banana-prata, em junho de 2017, segue a tendência de desvalorização nos preços, com 22,9% de queda em relação ao mês anterior devido aos reflexos de dias frios e com alta umidade relativa durante a fase de desenvolvimento da fruta. No acumulado de 12 meses as cotações estão desvalorizadas em 13,1%, devido ao efeito negativo da contração econômica na demanda, além do aumento da concorrência sazonal com outras frutas. Na lavoura, o aumento da produção e baixa qualidade das frutas, que sofrem os efeitos da elevada umidade e baixas temperaturas, desvalorizaram os preços.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/ kg) nas principais praças de Santa Catarina – 2017

Praça	Mês		Variação (%)
	Maio	Junho	
Jaraguá do Sul*			
Caturra	0,63	0,38	-39,5
Prata	1,28	1,05	-18,2
Sul Catarinense			
Caturra	1,14	0,76	-33,2
Prata	1,55	1,48	-4,8

Nota: Valores em R\$/cx 20 a 22Kg transformados em R\$/kg.

Fonte: Epagri/Cepa e adaptado de Cepea.*

Banana - Preço médio no atacado (R\$/kg) nas principais praças de Santa Catarina – 2017

Praça	Mês		Variação (%)
	Maio	Junho	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	1,71	1,36	-20,5
Prata	2,31	2,30	-0,5
Jaraguá do Sul*			
Caturra	1,73	1,55	-10,4
Prata	2,30	2,04	-11,3
Sul Catarinense			
Caturra	1,80	1,43	-20,6
Prata	2,29	2,22	-3,2

Nota: Valores em R\$/cx 18 a 20Kg transformados em R\$/kg.

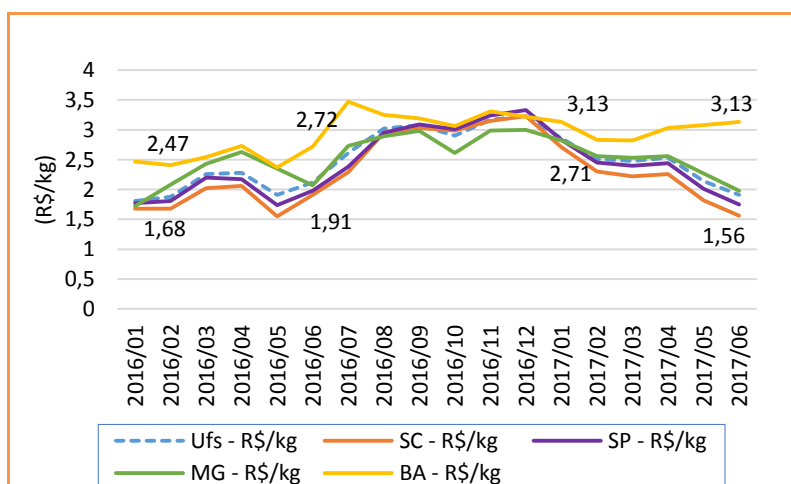
Fonte: Epagri/Cepa e adaptado de Cepea.*

Na Praça de Jaraguá do Sul o preço ao produtor está com variação negativa em função do aumento na oferta e baixa qualidade da fruta. No Litoral Norte de SC, temperaturas frias e a alta umidade relativa afetam a qualidade, reduzindo os preços negociados na roça.

No Sul Catarinense, os preços seguem tendência de desvalorização com retração na demanda pela fruta. A banana-prata sofre os efeitos da estação com vendavais e baixa temperatura, aumentando a presença de *chilling* e a necessidade de tratamentos culturais.

No atacado, os preços da banana-caturra comercializada na Ceasa (SC) ainda seguem tendência de retração com baixa qualidade, com manchas nas cascas e rigidez na polpa.

A expectativa é o aumento na oferta com a entrada de fruta paulista e baiana, o que tende a reduzir as cotações da fruta no mercado.



Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Banana – Preço médio mensal na Ceagesp – total das UFs e principais Estados – 2016 a junho de 2017

Na central paulistana a oferta da banana catarinense do 2º trimestre de 2017 está 50% menor que o volume negociado no mesmo período de 2016. Porém, o volume total da banana na Ceagesp está menor em 1,3%, ou seja, 227 toneladas da fruta referente ao mesmo período de 2016.

No 1º semestre de 2017, a participação catarinense representou 4,5% do volume total negociado na central paulistana, ou seja, 28% menor que no ano anterior.

A retração na demanda da fruta em função da concorrência com frutas da época, e o aumento da oferta nas

regiões produtoras mantêm a tendência de redução nos preços.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/ kg)* nas principais praças do Brasil – 2017

Praça	Mês		Variação (%)
	Maio	Junho	
Bom Jesus da Lapa (BA)			
Nanica	0,57	0,63	11,7
Prata	1,46	1,12	-23,2
Norte de Minas Gerais (MG)			
Nanica	0,58	0,64	11,3
Prata	1,58	1,20	-23,8
Vale do Ribeira (SP)			
Nanica	0,87	0,82	-5,7
Prata	1,78	1,31	-26,2
Vale do São Francisco (BA e PE)			
Nanica	...	...	...
Prata	1,52	1,08	-28,8

(*) Preço médio mensal em R\$/kg.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.

Nas regiões produtoras baiana e mineira, em junho, a diminuição na oferta e a qualidade da banana-nanica estão valorizando as cotações da fruta. Já no Vale do Ribeira os preços seguem desvalorizando devido ao aumento relativo da oferta e da baixa qualidade das frutas que sofrem com o *chilling*. As cotações em baixa da banana-prata, em todas as regiões, decorrem do fato de a fruta ainda estar com preços valorizados em relação aos últimos dois anos, porém não refletem mais a qualidade da fruta.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2015/16 em relação à safra 2016/17

Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra anterior – 2015/16			Estimativa inicial – 2016/17			Estimativa atual – 2016/17			Var. estimativa atual/safra anterior (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.253	159.819	37.581	4.253	159.819	37.581	0,00	0,00	0,00
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	3.924	122.844	31.306	0,00	0,00	0,00
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.719	354.239	27.859	12.715	354.238	27.859	0,00	0,00	0,00
Araran-guá	5.094	51.315	10.074	5.095	51.329	10.080	5.092	51.329	10.080	0,00	0,00	0,00
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	23.643	17.139	1.380	23.643	17.139	0,00	0,00	0,00
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.507	73	694	9.507	0,00	0,00	0,00
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	1.037	22.554	21.744	-0,01	0,00	0,01
Total	28.487	735.323	25.813	28.481	735.122	25.811	28.474	735.121	25.817	0,00	0,00	0,00

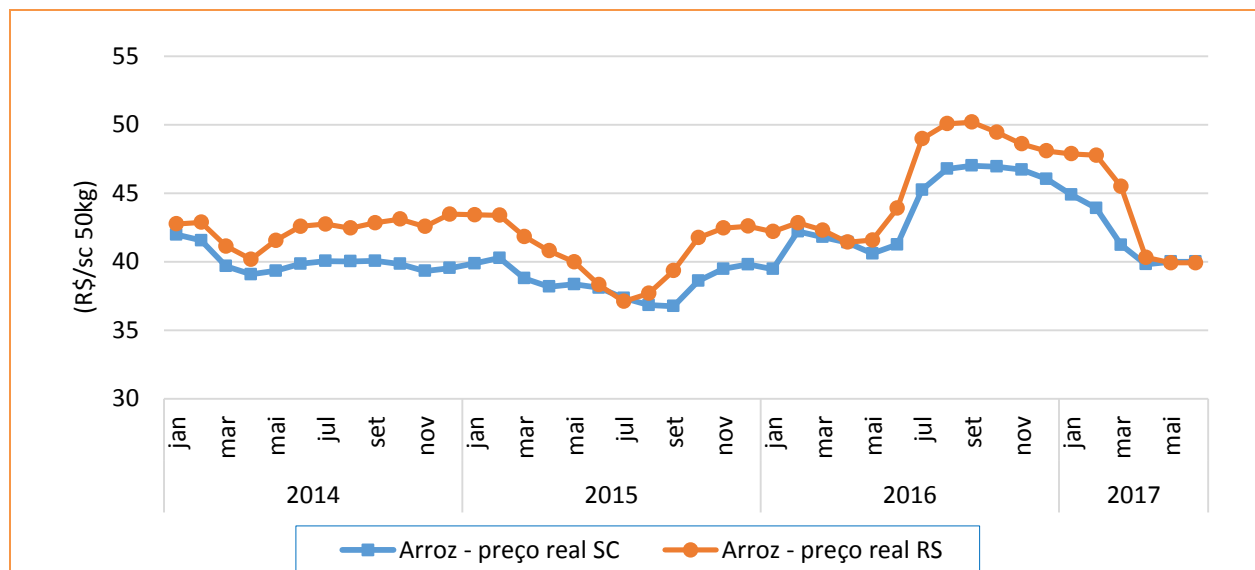
Fonte: GCEA/LSPA/IBGE e Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa

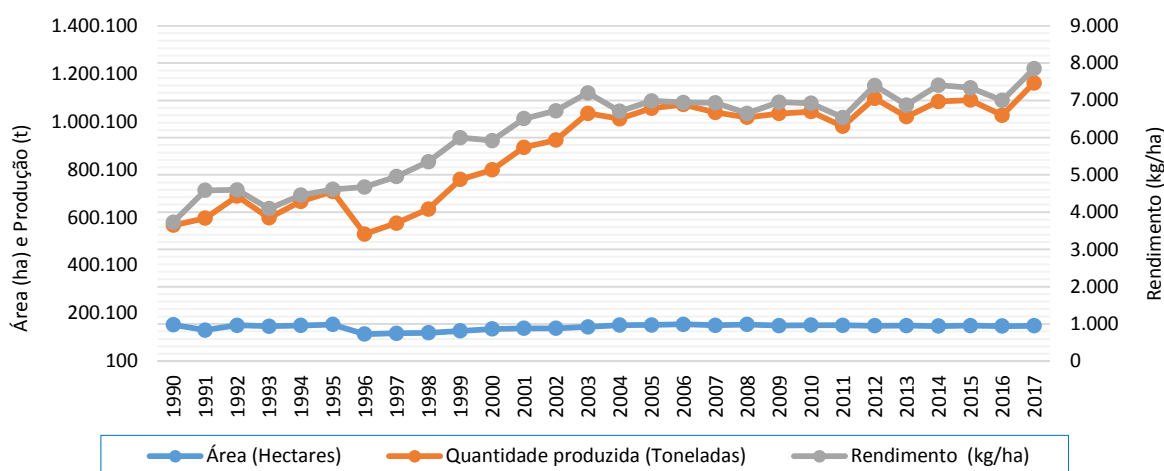
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Fonte: Epaagri/Cepa (SC), Agrolink (RS).

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (jan./2014 a jun./2017)

No mês de junho o preço do arroz irrigado se manteve estável, com pequeno viés de baixa nos dois principais estados produtores, Rio Grande do Sul e Paraná. Com a colheita encerrada, produtores avaliam suas rentabilidades. Muitos estão cautelosos em disponibilizar sua produção para venda, na expectativa de receberem melhores preços nas próximas semanas. Quem tem comercializado a sua produção são aqueles produtores que possuem empréstimos bancários a vencer; a maioria dos produtores não está disponibilizando produto para venda. Em junho, o preço da saca de 50kg do arroz em casca ficou em R\$ 39,99 em Santa Catarina, e no Rio Grande do Sul foi cotado a R\$ 39,80.

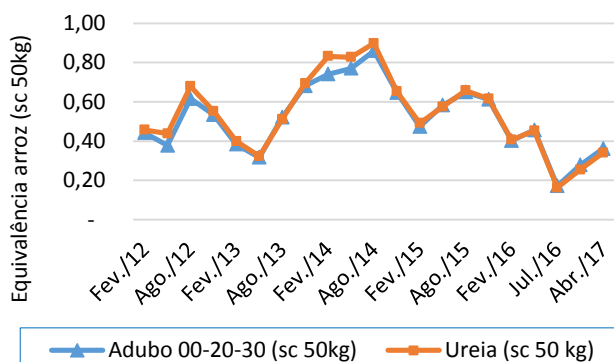
A produção de arroz catarinense deve aumentar 13,09% nesta safra, passando de 1,04 para 1,18 milhões de toneladas. Entre julho de 2016 e junho de 2017, os preços médios da saca de 50kg de arroz em casca caíram de R\$ 41,47 para R\$ 39,99; em termos percentuais essa redução foi de 3,57%. Com o objetivo de analisar a receita bruta estimada para a safra 2016/17 em Santa Catarina, tomamos como base os preços médios praticados nas safras 2015/16 e 2016/17, entre os meses de julho a junho de cada ano, corrigidos pelo índice IGP-DI. O resultado a que chegamos foi de que teremos um aumento de 25% na receita bruta do estado, passando dos R\$ 686,5 milhões da safra passada para cerca de R\$ 858,6 milhões da safra 2016/17. Mais uma vez o clima foi um aliado dos produtores, garantindo uma safra “cheia”, sem problemas de qualidade de grão em função de excesso de chuva ou de ataque de pragas e/ou doenças, o que de certa forma minimiza os efeitos dos baixos preços praticados nos primeiros meses deste ano.



Fonte: Epagri/Cepa (safra 2012/13 a 2016/17), IBGE (safra 1990/91 a 2011/12).

Arroz irrigado – Evolução da área plantada, produção e rendimento – Santa Catarina (Safr 1990/91 - 2016/17)

Nos últimos 27 anos a área plantada de arroz irrigado pouco variou em Santa Catarina, isso se deve fundamentalmente às características da cultura e de seu sistema de cultivo. As áreas de plantio de arroz irrigado necessitam de prévia sistematização e são dependentes de solos que tenham aptidão de uso específico para a atividade, além de boa oferta de água para irrigação, o que de certa forma dificulta o aumento da área plantada. Considerando os extremos da série do período analisado, é possível verificar uma pequena variação negativa de 2,7%: em 1990 se cultivaram 152 mil hectares e em 2017, cerca de 148 mil hectares. Já a produção e o rendimento andaram juntos na cultura do arroz irrigado, na medida em que a cada ano variedades mais produtivas são lançadas e os sistemas de cultivo são aperfeiçoados. Nesse período, a produtividade saltou de 3.730kg/ha para 7.847kg/ha, incremento de 110%, e a produção teve incremento em mais de 104% .



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Equivalência de preços entre arroz e principais insumos (fev./2012 – abr./2017)

A partir da atualização do levantamento dos preços pagos pelos produtores pelos insumos, serviços e demais fatores de produção, realizado no mês de abril, percebemos ligeiro aumento no custo de dois importantes insumos utilizados na cultura do arroz, o adubo formulado 00-20-30 e a ureia. Em julho de 2016, para adquirir uma saca de 50kg de ureia o produtor gastou o equivalente a 0,16 saca de 50kg de arroz. Já em abril de 2017, o produtor precisou desembolsar um valor equivalente a 0,34 saca de arroz para comprar a mesma saca de ureia (aumento de 112%). Para o adubo formulado o comportamento foi semelhante, com aumento em cerca de 111%.

Arroz Irrigado – Comparativo da safra 2015/16 e safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa final)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.454	364.913	7.092	51.730	401.179	7.755	0,54	9,94	9,35
Blumenau	8.208	65.441	7.973	8.379	72.962	8.708	2,08	11,49	9,21
Criciúma	20.625	148.165	7.184	20.857	167.558	8.034	1,12	13,09	11,83
Florianópolis	2.895	16.336	5.643	3.095	17.336	5.601	6,91	6,12	-0,74
Itajaí	9.088	59.997	6.602	9.261	76.190	8.227	1,90	26,99	24,61
Ituporanga	259	1.554	6.000	269	2.152	8.000	3,86	38,48	33,33
Joinville	19.655	126.509	6.436	20.036	167.916	8.381	1,94	32,73	30,22
Rio do Sul	10.684	77.324	7.237	10.759	89.384	8.308	0,70	15,60	14,80
Tabuleiro	125	1.050	8.400	146	1.238	8.479	16,80	17,90	0,95
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,01
Tubarão	21.025	158.508	7.539	21.094	160.020	7.586	0,33	0,95	0,62
Santa Catarina	146.708	1.040.097	7.090	148.316	1.176.234	7.931	1,10	13,09	11,86

Fonte: Epaagri/Cepa.

Com a safra 2016/17 de arroz irrigado encerrada em Santa Catarina e lavouras em pousio, as regiões produtoras do estado começam a fazer suas análise de desempenho. Nesta safra deveremos colher cerca de 1,2 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 13% em relação à produção da safra passada. Vários fatores contribuíram para esse bom resultado, dentre eles podemos citar o clima favorável, a utilização de sementes fiscalizadas com alto potencial de produção e a adoção de sistemas de manejo mais eficientes.

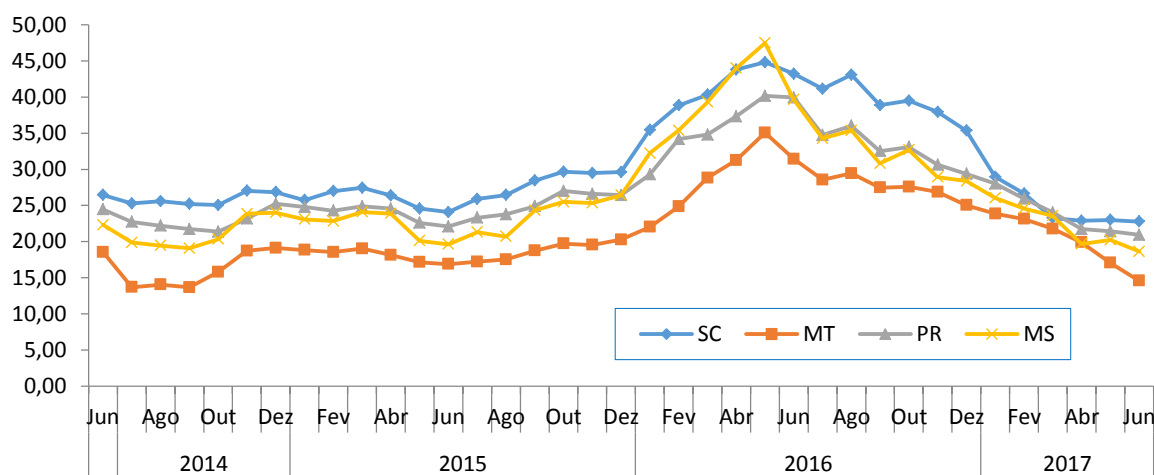
Os destaques vão para as regiões Sul e Litoral Norte do estado. Juntas, foram responsáveis por cerca de 88,5% da área plantada de arroz em Santa Catarina. Na região Sul do estado, que envolve os municípios das microrregiões de Araranguá, Criciúma e Tubarão, os resultados foram muito bons, com um crescimento na produção da ordem de 10% e com produtividade considerada acima da média dos últimos 15 anos, chegando a 7.780kg/ha. Na região do Litoral Norte, que abrange a área plantada de 33 municípios, a produção foi 25,85% maior que na safra passada, contudo há que se considerar que na safra 2015/16 a região sofreu severas perdas por conta do excesso de chuvas, o que comprometeu a produção naquele ano. Na região do Alto Vale, que compreende a microrregião de Rio do Sul, o aumento na produção foi de cerca de 15%. Da mesma forma que na região Norte, este aumento tem que levar em consideração as perdas ocorridas em função do excesso de chuvas ocorrido entre outubro e novembro de 2015.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Eng. Agrº., Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Os preços de milho em grão nos principais estados produtores continuam caindo em relação ao mês anterior, com forte queda registrada em Mato Grosso, que apresentou recuo nos preços próximo de 15% em relação ao mês anterior. Outros estados também registraram quedas nos preços. Em média os preços do Paraná e do Mato Grosso do Sul reduziram 4,3% em relação ao mês anterior.

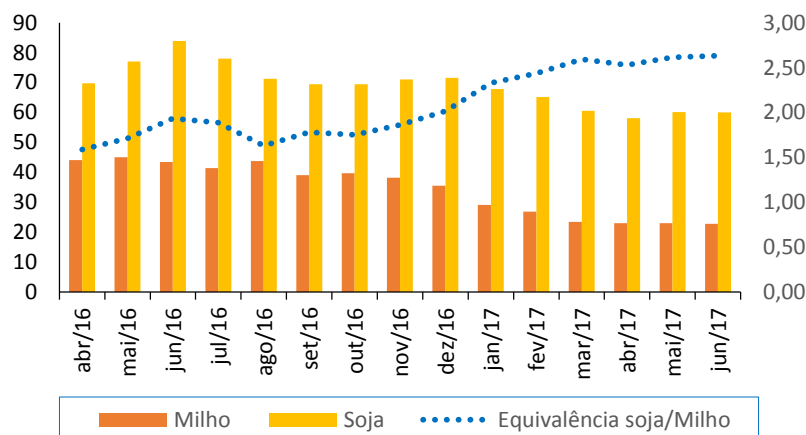
A entrada do milho segunda safra no mercado exerce pressão de baixa nos preços. Os preços caíram para os menores patamares do ano, que não têm desvalorizado mais pela realização de leilões da CONAB para a safra 16/17, bem como pela expectativa de que a safra 17/18 de milho americana, que já está com plantio quase concluído, seja um pouco inferior ao estimado anteriormente. Em Santa Catarina, os preços médios da saca de 60kg fecharam em R\$ 23 em maio e R\$ 22,78 em junho na praça de Chapecó (praça referência no estado). Segundo dados do USDA, a safra mundial de milho estimada em 2016/17 é de 1.065,11 bilhão de toneladas, sendo 96 milhões de toneladas para o Brasil. Diante da expressividade da safra, os preços sofreram pressão de baixa desde meados de 2016.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a jun./2017

A safra de milho no estado registrou números significativos e com boa qualidade dos grãos na safra que se encerra. Embora represente um mercado pouco expressivo no que se refere ao mercado externo, registrou exportações de 105.280 toneladas no acumulado de janeiro a maio de 2017. Comparativamente à média observada nos últimos cinco anos, o comportamento das exportações nos quatro primeiros meses do ano se mostrou atípico e, mesmo com a recuperação de abril, ficou abaixo do observado em 2016, cujos preços elevados no mercado externo impulsionaram as exportações, que totalizaram 168 mil toneladas no referido ano.

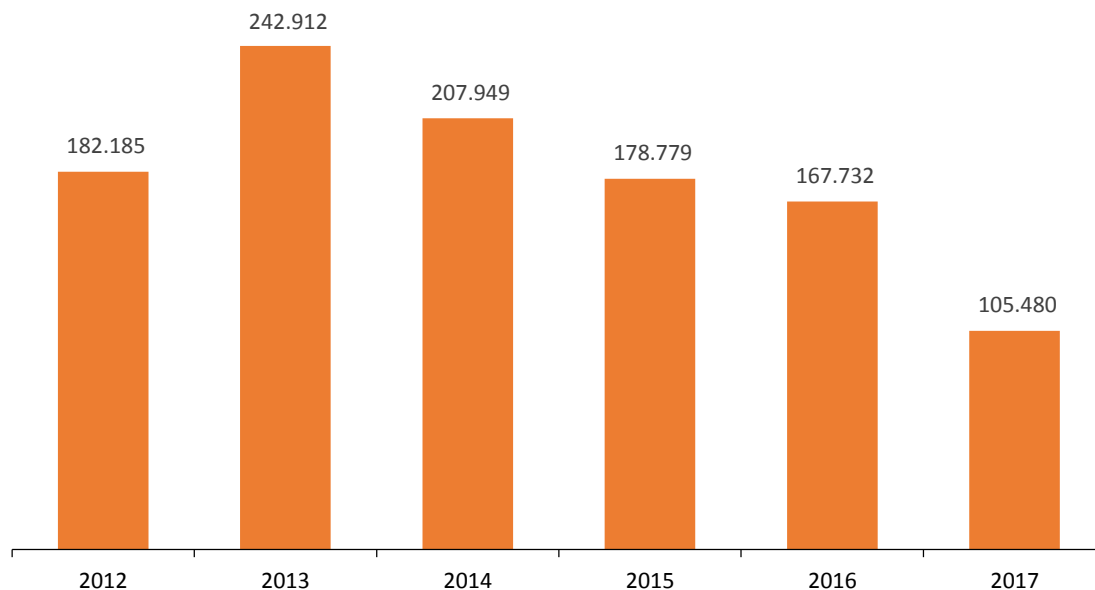


Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

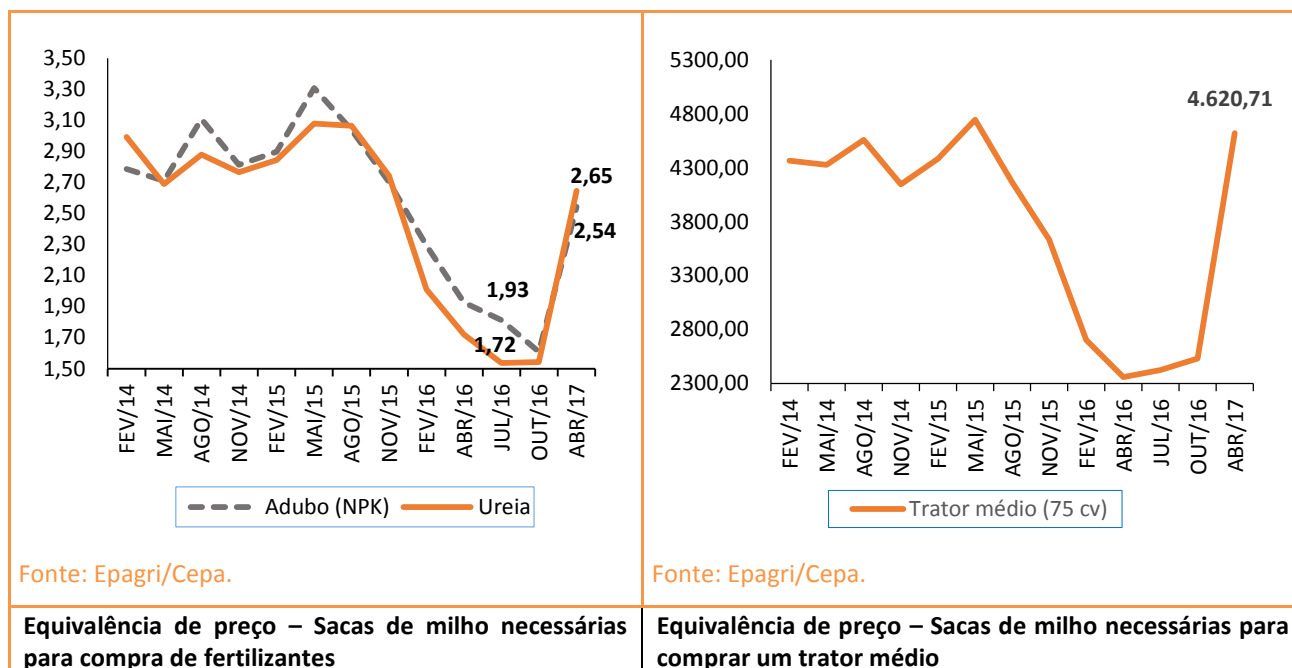
Na comparação entre os preços de milho e soja no estado, observa-se que os preços da soja se mantiveram estáveis no mês de junho, embora tenha apresentado forte alta no final do mês em análise e no início de julho, enquanto os preços do milho se mantiveram constantes. Isso resultou em uma equivalência de preços de 2,63 acima do observado no último mês. Tal resultado indica que a soja, principal concorrente em área do milho, tem se mostrado mais vantajosa quando se leva em consideração os custos de

produção e a rentabilidade em Santa Catarina. Considera-se que no estado, quando essa relação de equivalência é superior a 2,3, as condições de produção são favoráveis ao sojicultor. Com a valorização dos preços da soja no final de junho e início de julho 2017, essa posição tende a se consolidar.



Fonte: Secex/MDIC.

Exportações catarinenses de milho em grão e sementeira (2012- jun2017) – em toneladas



Quanto aos preços dos insumos, observa-se que a redução dos preços do milho nos últimos meses resultou em aumento da equivalência de preços entre os grãos e seus principais insumos. No mês de abril foram necessárias cerca de 2,54 sacas de 60kg milho para adquirir um saco de adubo NPK (0-20-20) de 50kg e 2,65 sacos de milho para adquirir um saco de 50kg de ureia. Em abril 2016 a relação estava em 1,72 para o adubo e 1,93 para ureia. Para o trator de 75cv a equivalência de preços também sofreu alta significativa em relação aos meses de julho a outubro de 2016, sendo necessárias 4.620,71 sacos de milho para adquirir um trator. Além da redução do preço do milho, destaca-se que houve um aumento nos preços dos insumos no estado, seguindo a tendência nacional, haja vista a instabilidade econômica e forte oscilação do dólar. Comparativamente a abril de 2016, observa-se uma forte valorização da equivalência de preços entre o milho e os insumos selecionados, tendo aumentado 32% no que se refere ao adubo NPK, 54% para a ureia e 96% para o trator. Tal valorização se explica pelo fato de naquele mês os preços do milho grão estarem elevados e os preços dos insumos terem sofrido leve redução. Esse é um dos fatores que o produtor deve levar em consideração no momento de venda do produto.

Milho Grão Total – Acompanhamento da safra 2015/16 e 2016/17 Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	8.148	42.999	5.277	8.089	33.184	4.102	-0,72	-22,83	-22,26
Blumenau	1.773	6.800	3.835	1.567	5.967	3.808	-11,62	-12,25	-0,71
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	36.010	264.126	7.335	1,44	13,06	11,46
Canoinhas	30.500	266.270	8.730	32.100	304.670	9.491	5,25	14,42	8,72
Chapecó	61.314	530.621	8.654	64.929	555.175	8.550	5,90	4,63	-1,20
Concórdia	31.140	211.666	6.797	24.630	205.038	8.325	-20,91	-3,13	22,47
Criciúma	7.829	47.117	6.018	8.220	48.199	5.864	4,99	2,30	-2,57
Curitibanos	22.446	205.618	9.161	21.608	239.546	11.086	-3,73	16,50	21,02
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	53	196	3.698	-1,85	-1,51	0,35
Ituporanga	10.080	61.600	6.111	11.120	78.125	7.026	10,32	26,83	14,96
Joaçaba	55.552	443.751	7.988	59.684	630.233	10.560	7,44	42,02	32,19
Joinville	485	1.674	3.452	340	1.160	3.412	-29,90	-30,70	-1,15
Rio do Sul	19.450	111.432	5.729	20.930	129.932	6.208	7,61	16,60	8,36
São Bento do Sul	5.500	44.750	8.136	5.000	35.200	7.040	-9,09	-21,34	-13,47
São Miguel do Oeste	45.640	282.792	6.196	45.410	360.400	7.937	-0,50	27,44	28,09
Tabuleiro	3.505	11.968	3.415	3.457	11.801	3.414	-1,37	-1,40	-0,03
Tijucas	1.690	6.237	3.691	1.705	6.764	3.967	0,89	8,45	7,50
Tubarão	6.451	37.816	5.862	5.590	27.964	5.003	-13,35	-26,05	-14,66
Xanxerê	23.500	207.534	8.831	28.000	292.874	10.460	19,15	41,12	18,44
Santa Catarina	371.176	2.756.766	7.427	379.061	3.232.853	8.529	2,12	17,27	14,83

Fonte: Epagri/Cepa.

Esse é o relatório de fechamento de safra. A estimativa final da safra de milho no estado para 2016/17 registra uma variação de área cultivada 2,12% superior em relação à safra anterior. No entanto, com o avanço da colheita, que confirmou boa produtividade (14,83% maior) para o grão no estado, a produção foi 17,27% maior em relação à safra anterior. Essa variação em relação ao último relatório se refere aos ajustes feitos nas informações de milho 2ª safra que estava finalizando colheita, agora encerrada. A área plantada estimada em maio de 2017 é de 379 mil hectares e a produção, de 3,2 milhões de toneladas. A produtividade média estimada é de 8,5 toneladas por hectare, mas em regiões como Curitibanos, Joaçaba, Canoinhas, Chapecó, Concórdia e Xanxerê a produtividade ficou acima da média estadual. Além da condição climática favorável ao longo de toda a safra, o uso de alta tecnologia na produção resultou em produtividades elevadas e, consequentemente, em maior produção na safra. A região com maior área cultivada do estado é a de Chapecó, seguida por Joaçaba e São Miguel do Oeste, que juntas somam 48% da área total cultivada no estado. No entanto, em função do rendimento médio, a região de Joaçaba apresenta a maior produção.

O milho destinado à produção de silagem também apresentou crescimento em relação ao ano safra anterior. Observa-se incremento de 4,54% na área plantada e 14,39% na produção, resultando em 220 mil hectares e 9,37 milhões de toneladas. Atualmente 100% da área destinada à produção de silagem já foi colhida. Destacamos a expressiva área de milho cultivada para silagem nas regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste, que juntas somam em torno de 105 mil hectares, 48% do total do estado, sendo explicado pela expressiva presença da pecuária leiteira nessas regiões.

Milho Silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa Atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4.560	160.475	35.192	4.847	166.919	34.438	6,29	4,02	-2,14
Blumenau	1.797	69.865	38.879	1.824	70.895	38.868	1,50	1,47	-0,03
Campos de Lages	5.320	220.250	41.400	5.530	270.550	48.924	3,95	22,84	18,17
Canoinhas	3.800	140.000	36.842	4.150	163.000	39.277	9,21	16,43	6,61
Chapecó	58.800	2.416.709	41.100	57.700	2.629.000	45.563	-1,87	8,78	10,86
Concórdia	18.280	737.800	40.361	26.630	980.900	36.834	45,68	32,95	-8,74
Criciúma	2.502	97.080	38.801	3.808	180.490	47.398	52,20	85,92	22,16
Curitibanos	2.550	102.220	40.086	2.550	138.450	54.294	0,00	35,44	35,44
Florianópolis	326	13.510	41.442	331	13.700	41.390	1,53	1,41	-0,13
Itajaí	60	1.800	30.000	61	1.827	29.951	1,67	1,50	-0,16
Ituporanga	2.580	108.800	42.171	2.350	95.000	40.426	-8,91	-12,68	-4,14
Joaçaba	15.100	661.100	43.781	15.520	922.650	59.449	2,78	39,56	35,79
Rio do Sul	14.830	527.010	35.537	14.680	542.550	36.958	-1,01	2,95	4,00
São Bento do Sul	-	-	-	610	34.900	57.213			
São Miguel do Oeste	47.190	1.613.840	34.199	47.905	1.879.275	39.229	1,52	16,45	14,71
Tabuleiro	1.320	70.950	53.750	1.339	71.998	53.770	1,44	1,48	0,04
Tijucas	2.470	71.020	28.753	2.506	72.050	28.751	1,46	1,45	-0,01
Tubarão	9.078	353.695	38.962	12.626	487.676	38.625	39,08	37,88	-0,87
Xanxerê	17.120	749.300	43.768	16.720	855.200	51.148	-2,34	14,13	16,86
Santa Catarina	207.683	8.115.424	39.076	221.687	9.577.030	43.201	6,74	18,01	10,56

Fonte: Epagri/Cepa.

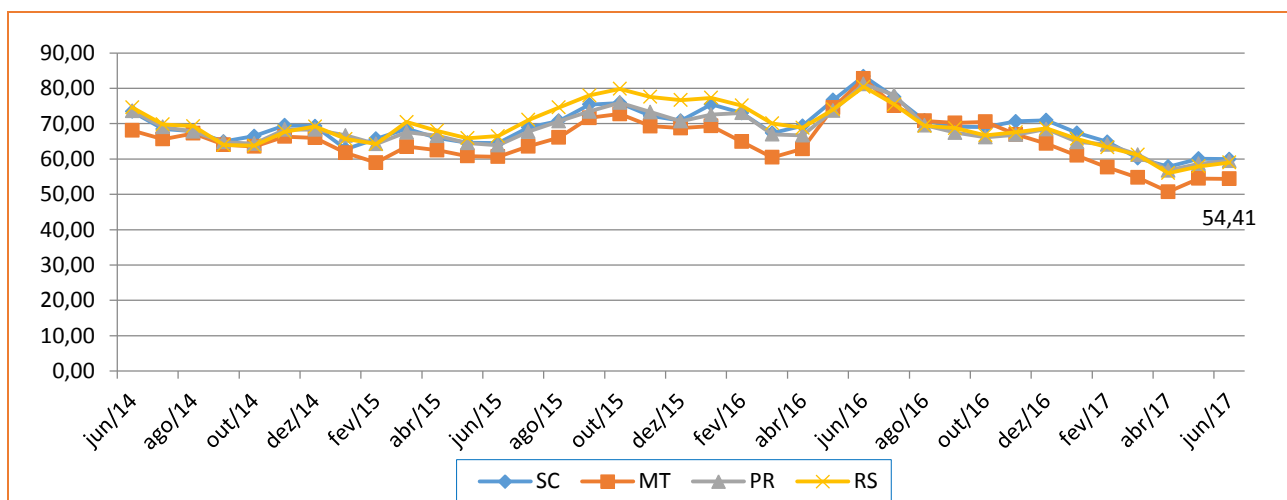
A exemplo da safra catarinense, tem-se observado que a produtividade média de milho em nível nacional tende a se confirmar bem acima do esperado inicialmente, com o início da colheita e as boas condições das lavouras de segunda safra sendo favoráveis principalmente em Mato Grosso (segundo IMEA deverá alcançar índices acima de 100 sc/ha¹) e no Paraná (próximo a 100sc/ha, segundo DERAL-SEAB-PR). Nesse sentido, a produção estimada atual está em de 93,8 milhões de toneladas, acima da estimativa de abril/2017, que registrava 91,4 milhões de toneladas.

¹ <http://www.imea.com.br/upload/publicacoes/arquivos/03072017201432.pdf>.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Eng. Agr. Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

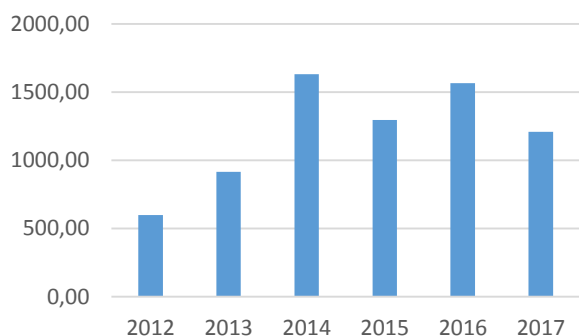
Os preços da soja em junho de 2017 sofreram leve valorização em relação ao mês anterior nos principais estados produtores. Tais preços vinham caindo desde meados de 2016, e no último mês fecharam em R\$ 54,41, R\$ 59,52 e R\$ 59,01 no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de abril, os preços em tais estados produtores aumentaram em média 1,1%. No comparativo com o mesmo mês no ano passado, a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de -29,3%. Em Santa Catarina os preços também apresentaram estabilização, de R\$ 60,09 em maio para R\$ 59,95 em junho, o que representa uma variação de -0,2%. Já em comparação com o mesmo mês de 2016, os preços reais reduziram, aproximadamente, em 28%. A safra expressiva tanto para o Brasil como para os demais países produtores reforça a tendência de queda dos preços até abril. No entanto, a correção negativa dos estoques mundiais publicada no relatório do USDA (final de junho 2017), indicando menores estoques e área semeada nos Estados Unidos, menor do que o esperado pelo mercado, influenciou no acentuado aumento dos preços no final de junho. Nesse cenário, as cotações de soja americana aumentaram, o que, somado ao dólar em níveis mais altos do que o Real, ajudou a elevar os valores no Brasil. Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também gerou efeitos negativos sobre os preços desde meados do ano anterior.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

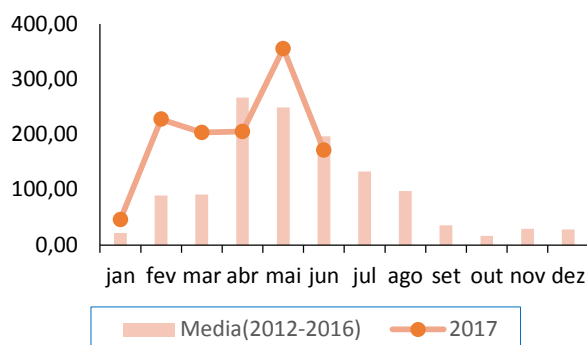
Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, MT, PR, RS e Santa Catarina – 2014 a 2017

Quanto ao comportamento do mercado da soja, existe a possibilidade de mudanças no cenário atual influenciadas pelas condições climáticas na região produtora dos Estados Unidos, em especial no mês de julho, quando as culturas de milho e soja estarão em fase de desenvolvimento vegetativo e floração, momento sensível na definição do potencial produtivo dessas culturas.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Acumulado das exportações da soja em grão e semeadura de Santa Catarina (2012 a jun 2017), em mil toneladas



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a jun 2017), em mil toneladas

No mês de maio de 2017 as exportações catarinenses totalizaram 171 mil toneladas, valor um pouco abaixo da média dos últimos cinco anos para o mês. No acumulado do ano, o volume exportado de janeiro a junho foi cerca de 15% acima do volume exportado no mesmo período de 2016, fechando em 1.208,81 mil toneladas. Os principais destinos das exportações são China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.

Soja – Santa Catarina – acompanhamento da safra 2016/17

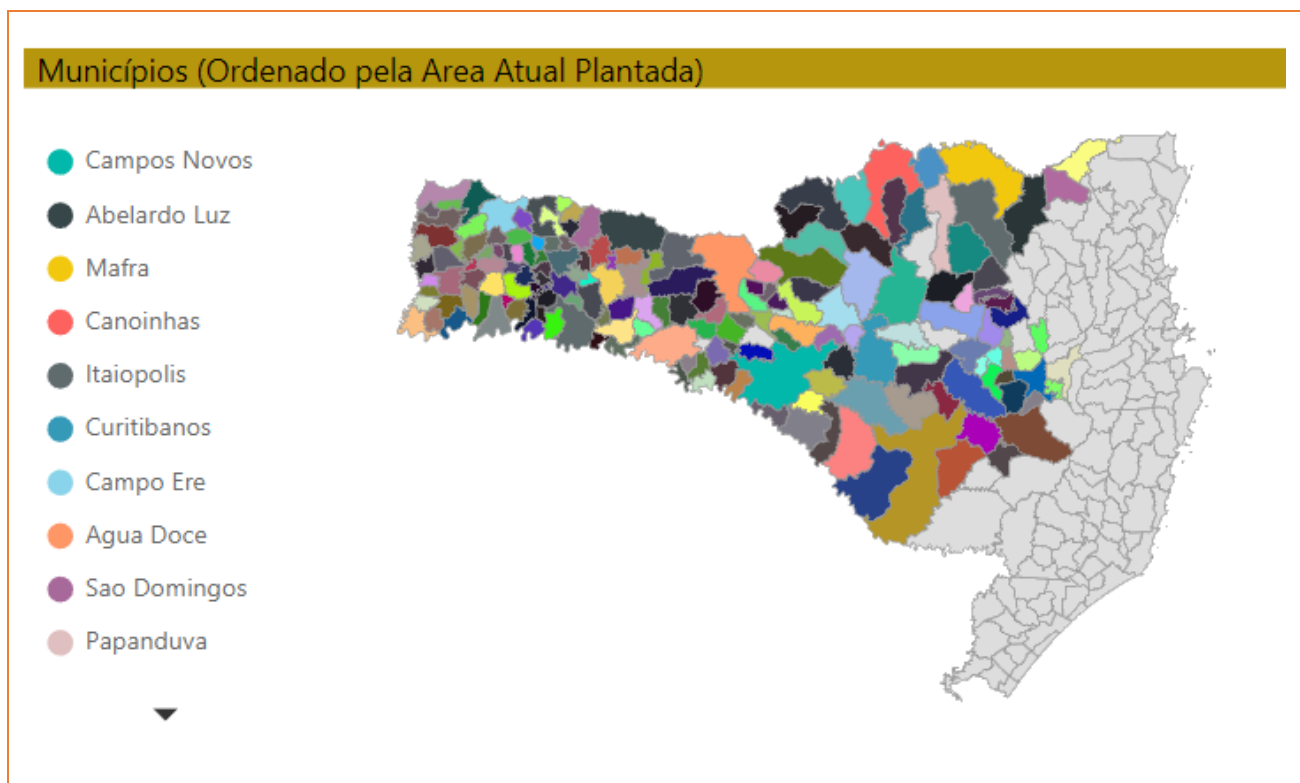
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
C. de Lages	60.430	201.440	3.333	59.770	199.292	3.334	-1,09	-1,07	0,03
Canoinhas	133.320	456.456	3.424	131.600	501.870	3.814	-1,29	9,95	11,39
Chapécó	91.575	262.779	2.870	90.310	285.385	3.160	-1,38	8,60	10,12
Concórdia	4.235	13.290	3.138	5.805	20.774	3.579	37,07	56,31	14,03
Curitibanos	103.645	358.894	3.463	107.680	448.976	4.170	3,89	25,10	20,41
Ituporanga	6.350	21.265	3.349	7.690	30.174	3.924	21,10	41,90	17,17
Joaçaba	57.905	207.558	3.584	57.010	237.675	4.169	-1,55	14,51	16,31
Rio do Sul	3.375	10.941	3.242	3.935	13.709	3.484	16,59	25,30	7,47
São B. do Sul	10.400	34.320	3.300	15.000	49.900	3.327	44,23	45,40	0,81
S. M. do Oeste	36.270	108.882	3.002	42.790	130.715	3.055	17,98	20,05	1,76
Xanxerê	140.000	44.8763	3.205	138.650	491.408	3.544	-0,96	9,50	10,57
Santa Catarina	647.505	2.124.588	3.281	660.240	2.409.877	3.650	1,97	13,43	11,24

Fonte: Epagri/Cepa.

Em Santa Catarina a produção esperada para a safra 2016/17 é de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 660 mil hectares. As condições climáticas favoráveis e com chuvas regulares em grande parte da área produtiva do estado, bem como a tecnologia adotada, resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 11% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade, resultou em produção 13,4% maior em relação à safra anterior. Atualmente 100% da área plantada de soja em Santa Catarina já foi colhida e segue confirmando a expectativa de uma safra expressiva para este ano.

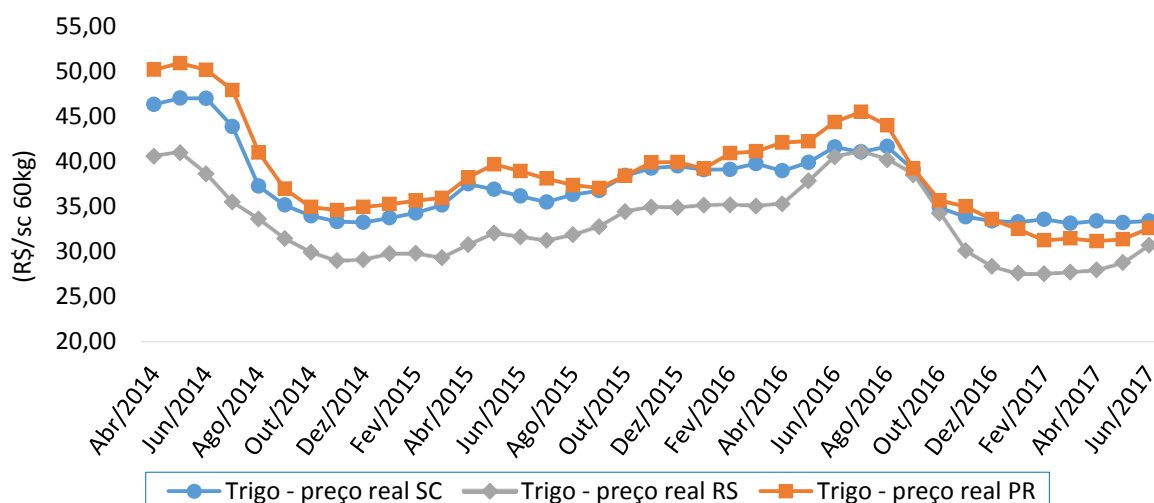
As regiões com maior produção do estado são: Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, que juntas produzem mais da metade da soja catarinense.

Campos Novos e Abelardo Luz são os municípios que se destacam como maiores produtores do estado, com área plantada de 60,5 mil e 43 mil hectares respectivamente. Nesses municípios o rendimento alcança 4.200kg/ha, bem acima da média estadual de 3.650kg/ha.



Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (RS/PR – abr./2014-mar./2017), SEAB/Deral (PR – abr./2017-maio/2017), Emater/Ascar (RS – abr./2017-mai/2017).

Trigo Grão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor – SC, PR e RS (abr./2014 a maio/2017)

Em Santa Catarina, o preço real do trigo tem permanecido estável nos últimos meses, a exemplo do que ocorre no estado do Paraná. Já no Rio Grande do Sul, os preços que vinham sendo praticados nas últimas semanas estavam em patamar muito baixos, agora se percebe uma tendência de alta. Esse movimento de reversão na queda dos preços pagos aos produtores se deve pelo aumento da procura do cereal pelos moinhos, e por se tratar de período de entressafra. Outro aspecto que deve ser considerado é que as cooperativas estão pagando um pouco melhor pelo trigo como estratégia para estimular os produtores a cultivarem o cereal nessa nova safra.

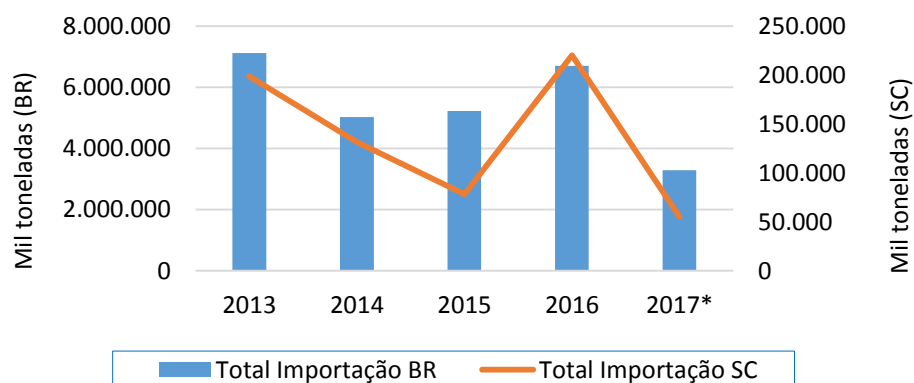
Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Maio/2017	Junho/2017	variação (%)
Santa Catarina	33,25	33,42	0,51
Paraná	31,38	32,63	3,98
Rio Grande do Sul	28,78	30,72	6,74

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Emater/Ascar (RS).

Os preços pagos ao produtor (mercado de balcão) pelo trigo disponível para venda em Santa Catarina no mês de junho teve pequena alta de 0,51%. Já no estado do Paraná, segundo levantamento realizado pelo Seab/Deral, os preços ofertados aos produtores de trigo subiram 3,98%. Em junho a saca de 60kg do cereal ficou cotada a R\$ 32,63, contra R\$ 31,38 no mês de maio. Já no Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater/RS, ocorreu a maior elevação dos preços nesse período: aumento na ordem de 6,74%. O preço pago pela saca de 60kg passou de R\$ 28,78 em maio para R\$ 30,72 em junho.

Já no mercado de lote (negociações entre empresas - onde a retirada do produto é no armazém da empresa que está vendendo), segundo dados do Cepea/Esalq, no Rio Grande do Sul entre maio e junho, a variação foi positiva em 9,7%, passando de R\$ 533,83 para R\$ 585,65/tonelada. A diferença entre os preços de lotes (R\$ 585,65/t) e os preços de balcão (R\$ 512,00/t) em junho foi de R\$ 73,65/t (14,4%), favorecendo a negociação direta entre moinhos e produtores gaúchos, caso a adição dos custos de frete não inviabilizem essa negociação. No Paraná, para o mesmo período, a variação foi de 3,0% no mercado de lotes, onde o preço passou de R\$ 611,70 para R\$ 629,71/tonelada do cereal.



(*) janeiro a junho.

Fonte: Aliceweb, MIDC.

Trigo – Importação de trigo e farinha de trigo e derivados –Brasil e Santa Catarina – 2013-2017

junho de 2017, foram importados cerca de 54 mil toneladas, o que corresponde a 24,5% de todo volume importado no ano passada. Em 2016, nesse mesmo período de janeiro a junho foram importados cerca de 64 mil toneladas de trigo. Nas importações, nossos principais fornecedores são a Argentina e o Paraguai, os dois países juntos venderam para Santa Catarina em 2016, cerca de 98% de todo trigo importado. Neste ano, de janeiro a junho, os dois países contribuíram com 97% de todo trigo importado pelo estado.

Trigo Grão – Comparativo safra 2016/17 e Estimativa atual safra 2017/18

Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa atual - Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1.700	6.030	3.547	1.000	3.630	3.630	-41	-40	2
Canoinhas	14.900	54.474	3.656	9.280	32.634	3.517	-38	-40	-4
Chapecó	16.610	46.491	2.799	14.235	41.223	2.896	-14	-11	3
Concórdia	622	1.742	2.800	727	1.958	2.693	17	12	-4
Curitibanos	10.648	44.486	4.178	8.518	33.035	3.878	-20	-26	-7
Ituporanga	1.585	4.128	2.604	805	2.567	3.189	-49	-38	22
Joaçaba	4.790	18.590	3.881	3.230	12.324	3.815	-33	-34	-2
Rio do Sul	445	1.045	2.348	397	968	2.438	-11	-7	4
São Bento do Sul	250	843	3.372	150	450	3.000	-40	-47	-11
São M. do Oeste	2.295	7.325	3.192	3.470	9.618	2.772	51	31	-13
Xanxerê	15.175	43.719	2.881	11.475	36.693	3.198	-24	-16	11
Outras	68	180	2.647	-	-	-	-	-	-
Santa Catarina	69.088	229.052	3.315	53.287	175.100	3.286	-23	-24	-1

Fonte: Epagri/Cepa (junho/2017).

Em junho atualizamos nossas estimativas de safra para o trigo. Até essa data é esperado para a safra 2017/18 o plantio no estado de uma área de 53.287ha, número que representa uma redução de 23%, cerca de 15.800ha a menos em relação ao que foi plantado na safra passada. Em relação à produção e ao rendimento, ainda é cedo para fazer qualquer afirmação. Contudo, em relação à safra passada, nossas estimativas apontam para uma redução de 24% na produção. Observamos ainda que nessa safra está ocorrendo uma grande concentração no plantio entre a segunda quinzena de junho e primeira quinzena de julho. Até o dia 1/7, dos 53 mil hectares de trigo estimados para plantio, cerca de 47% já foi semeado. As microrregiões onde a semeadura está mais adiantada são: Canoinhas (70%), Chapecó (60%) e Joaçaba (15%). Até o momento as lavouras se desenvolvem normalmente e o que já está em desenvolvimento vegetativo apresenta boas condições fitossanitárias. Até o final do mês de junho os plantios transcorreram sem problemas, mas nas principais regiões já há interrupção na semeadura em função de uma pequena estiagem: em alguns locais já chega a 20 dias sem chuvas, e os produtores estão aguardando a volta das chuvas para ter condições ideais para concluir a semeadura. Segundo dados do Epagri/Ciram, em julho os valores de chuva variam de 110 a 170mm do Oeste ao Planalto. Como até o dia 12 de julho não choveu nessa região, acreditamos que esse volume de chuvas previsto deva ocorrer a partir da segunda quinzena de julho. Para o mês de agosto, a média de chuva sobe um pouco em relação a julho, variando de 110 a 190mm no Oeste, Meio Oeste e Planalto. Já em setembro o volume de chuva aumenta em relação a julho e agosto, variando de 150 a 210mm no Oeste e Meio Oeste e de 110 a 170mm nas demais regiões.

Hortaliças

Alho

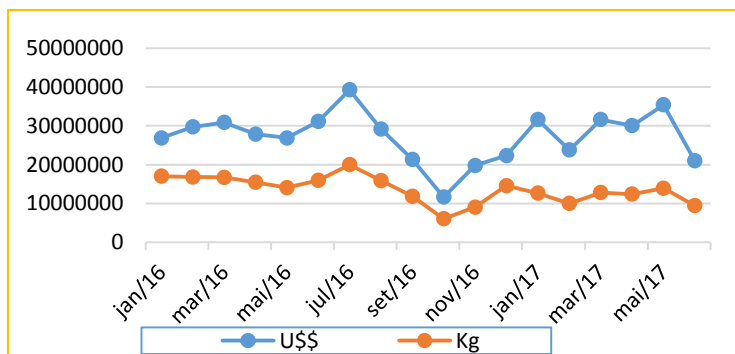
Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A Safra Catarinense de alho está na fase final da comercialização. Santa Catarina é o principal produtor nacional, com aproximadamente 2.400ha de área plantada na safra 2016/17, cuja produção, em fase final de fechamento, deve ultrapassar as 20 mil toneladas.

A safra que ora se encerra, desenvolveu-se em condições climáticas muito favoráveis. Associadas ao nível tecnológico das lavouras, tais condições contribuíram para uma safra extraordinária em produtividade e qualidade dos bulbos, conforme registrado em boletins anteriores. Essa condição permitiu a produtores e cooperativas enfrentar com maior tranquilidade a dinâmica de comercialização da safra, obtendo-se resultados econômicos positivos aos produtores e à cadeia produtiva.

Os resultados da safra que caminha para o final de sua comercialização estão influenciando positivamente as tendências para a próxima safra no estado. Nas regiões tradicionais de produção, cujas lavouras estão sendo implantadas nesse período, o crescimento da área plantada está se confirmando.

Do ponto de vista técnico, os técnicos de extensão rural, pesquisadores, cooperativas e lideranças do setor estão orientando e alertando os produtores para que deem atenção especial na implantação das lavouras, para uso do alho semente adequado e de qualidade, pois esse é o insumo que tem relação direta com o tamanho do bulbo a ser produzido.



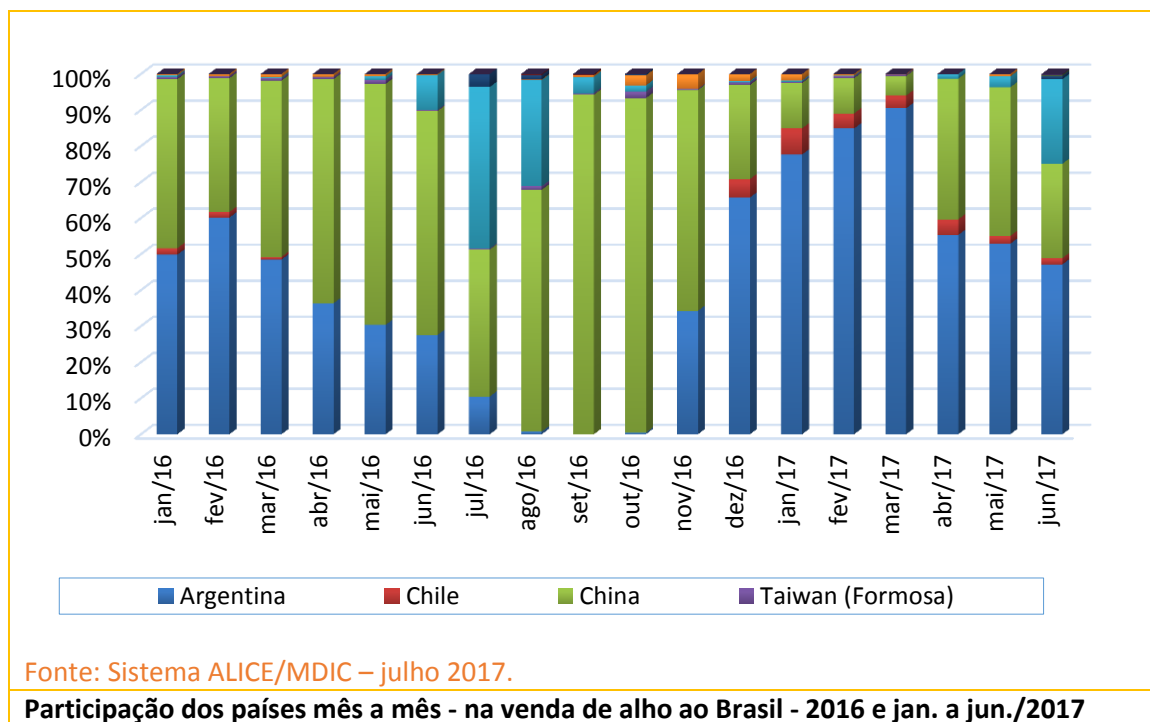
Fonte: Sistema Alice/MDIC – julho 2017.

Importação de alho pelo Brasil – 2016 e jan. a jun./2017

A preocupação vem no sentido de que na próxima safra a oferta do produto tenderá a ser maior que a atual, acirrando dessa forma a concorrência e disputa de espaço para a comercialização. Esse cenário para a safra 2017/18 tem como base informações de aumento da área de plantio em todas as regiões brasileiras tradicionalmente produtoras e de incremento significativo, segundo algumas fontes apontam, de até 20% na área plantada na nova safra em países grandes exportadores de alho, a exemplo da China.

Como pode ser visto na figura abaixo, em relação às importações, no mês de junho, o Brasil importou menos de 10 mil toneladas de alho, quantidade 47,9% menor em relação ao mês de maio passado. Comparativamente ao mês de junho de 2016, a queda na importação é ainda maior, chegando a uma redução de 69%, quando foram importadas 15,9 mil toneladas.

Na figura abaixo, apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. Os maiores fornecedores no mês de junho foram Argentina, China e Espanha, com 47, 26 e 23%, respectivamente, das 9,4 mil toneladas importadas, a um preço médio de US\$ 2,23/kg (Sistema ALICE/MDIC- Acesso em 12/07/2017).



Importações de alho pelo Brasil nos primeiros semestres de 2016 e 2017 (mil t)							
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	95,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	71,13

Fonte: Sistema Alice/MDIC – jul./17.

Ainda em relação às importações de alho, a tabela acima mostra um comparativo entre os primeiros semestres de 2016 e 2017. Nesse período houve uma redução de 24,84 mil toneladas na importação de alho pelo Brasil, uma queda de 34,92% no período analisado. De forma geral, nos períodos comparados, o custo de importados do alho foi de US\$ 173,41 milhões em 2016 e de US\$ 173,53 milhões em 2017. O custo médio registrado por quilo foi de US\$ 1,80/kg para US\$ 2,45/kg no período comparado.

Cebola

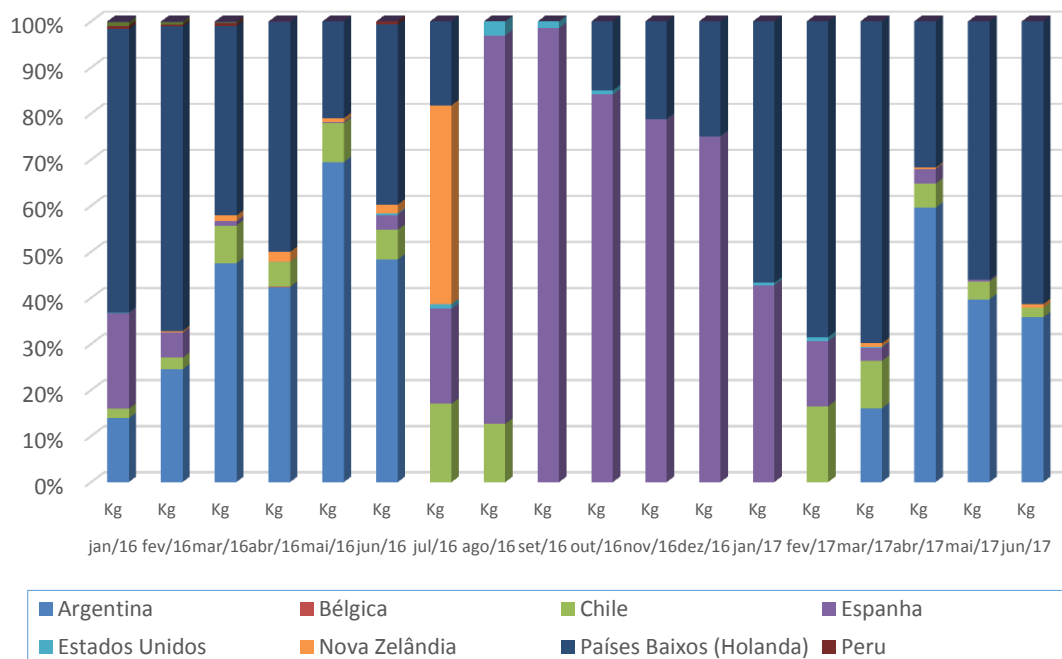
Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epaagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

O estado de Santa Catarina é o maior produtor nacional de cebola, com mais de 20 mil hectares plantados. A safra catarinense de 2016/17 se desenvolveu em condições climáticas muito favoráveis, o que, associado ao uso intenso de tecnologias, apresentou produção recorde. Os números da safra 2016/17 em fase de finalização apontam para uma produção acima de 600 mil toneladas em Santa Catarina. Os produtores catarinenses alcançaram produtividades acima de 30 toneladas por hectare, não sendo raro encontrar produtores com produtividade acima de 50 toneladas por hectare, como já informado em boletins anteriores. Esse comportamento da cultura, que ocorreu também nas principais regiões produtoras brasileiras, fez com que o mercado persistisse desde o final de 2016 com expressivo volume ofertado, trazendo consequências importantes ao setor, especialmente na queda do preço pago ao produtor até o final da comercialização da safra catarinense.

Em relação ao mercado nacional, desde o início de julho, os preços reagiram positivamente com significativo aumento de preços nas principais regiões produtoras do bulbo. A reação do mercado foi puxada pela menor oferta do Nordeste nesse período de entressafra. Esses fatos decorrem da redução da oferta de produção nacional, cujo abastecimento é realizado principalmente pelas regiões do Cerrado e por São Paulo.

Nos principais mercados atacadistas do Sul, Sudeste e Nordeste, a cebola teve alteração de preço nos últimos dias, variando de R\$ 2 a 2,42/kg no atacado em Santa Catarina, São Paulo e Salvador; até R\$ 3/kg na praça de Fortaleza. Situação incomparável à conjuntura recente enfrentada pelo setor e cadeia produtiva.

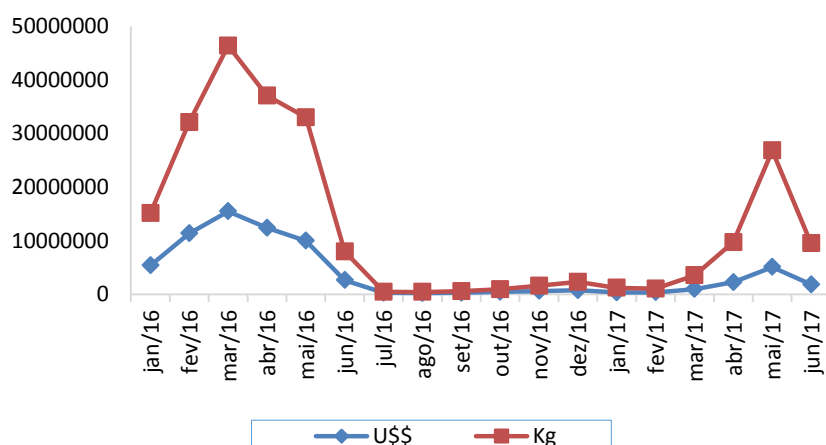
A importação de cebola no mês de junho foi comandada pela entrada de cebola argentina e holandesa principalmente (Figura abaixo). Esse quadro tem se intensificado desde janeiro deste ano. A cebola holandesa tem chegado com qualidade baixa em função do longo período de permanência armazenada desde a colheita.



Fonte: Sistema Alice/MDIC- julho/2017.

Participação dos países na venda da cebola ao Brasil - mês a mês 2016 e Jan. a jun. 2017

Com relação ao volume da importação de cebolas, o Gráfico mostra a evolução do ocorrido no ano de 2016 e de janeiro a junho de 2017. Houve crescimento das importações nos meses de abril e maio e redução no mês de junho, com a importação de 9,53 mil toneladas, contra 26,86 mil toneladas importadas no mês de maio de 2017. No mês de junho de 2016 a importação fora de pouco mais de 8 mil toneladas do bulbo, demonstrando, portanto, comportamento de mercado muito semelhante ao ocorrido em 2017.



Fonte: Sistema Alice/MDIC- julho/2017.

Importação de cebola pelo Brasil - mês a mês - 2016 e Jan. a jun. 2017

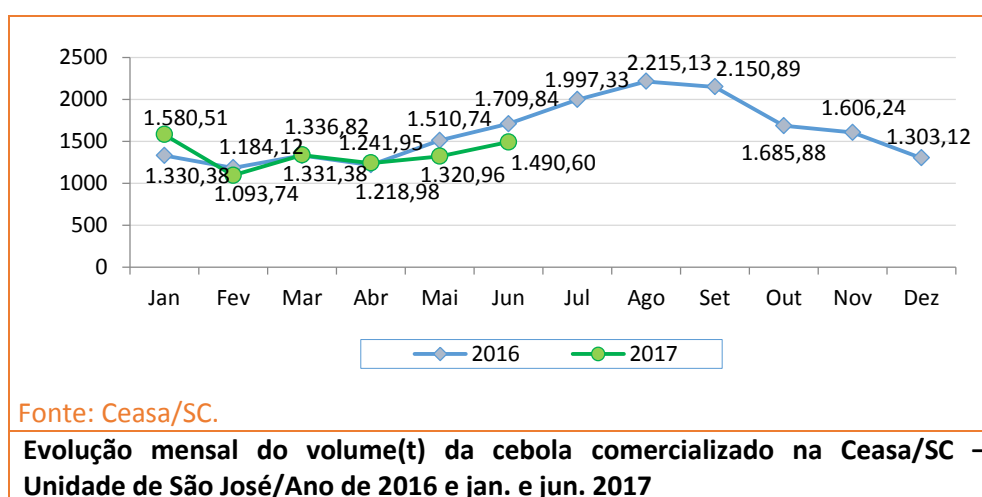
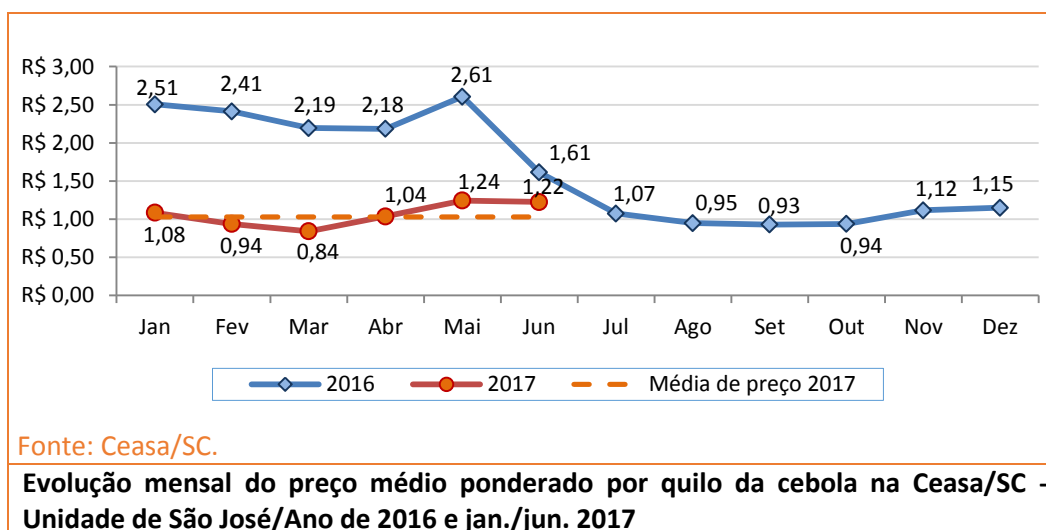
No Estado de Santa Catarina o período de implantação da próxima safra de cebola continua e, de acordo com informações levantadas a campo pela Epagri/Cepa, a tendência é de redução da área de plantio, que pode ficar entre 1 e 5% menor em relação à safra 2016/17. Considerando as dificuldades enfrentadas pelos produtores na última safra, há que se atentar no próximo período para uma análise mais apurada desse quadro em

Santa Catarina.

Os produtores das regiões mais tradicionais de cebola de nosso estado, em função de seus históricos com a cultura, estrutura das propriedades, relações de mercado construídas nas últimas décadas, dentre outros componentes intrínsecos à cadeia produtiva, devem implantar suas lavouras sem nenhuma ou com pouca alteração da área plantada.

A tendência constatada a campo nesse início de implantação de safra é de crescimento das variedades precoces e super precoces em relação às de ciclos mais tardios. Contribuíram para esse comportamento os resultados da comercialização da última safra, considerados abaixo das expectativas pelo setor de forma geral. O esforço dos produtores é no sentido de antecipar a oferta de parte da produção da próxima safra na tentativa de alongar ou distribuir a comercialização por período maior, buscando melhores resultados econômicos da atividade.

No mercado atacadista da Ceasa/SC – Unidade de São José, no mês de junho houve pequena queda em relação ao preço médio praticado no mês anterior.



Ainda em relação ao mercado atacadista na Ceasa/SC – Unidade de São José, o volume de comercialização no mês de junho de 2017 teve crescimento de 12,84% em relação a maio, porém ficando 219,24 toneladas abaixo do mesmo mês de 2016, queda de 14,7% em relação ao período considerado.

Pecuária

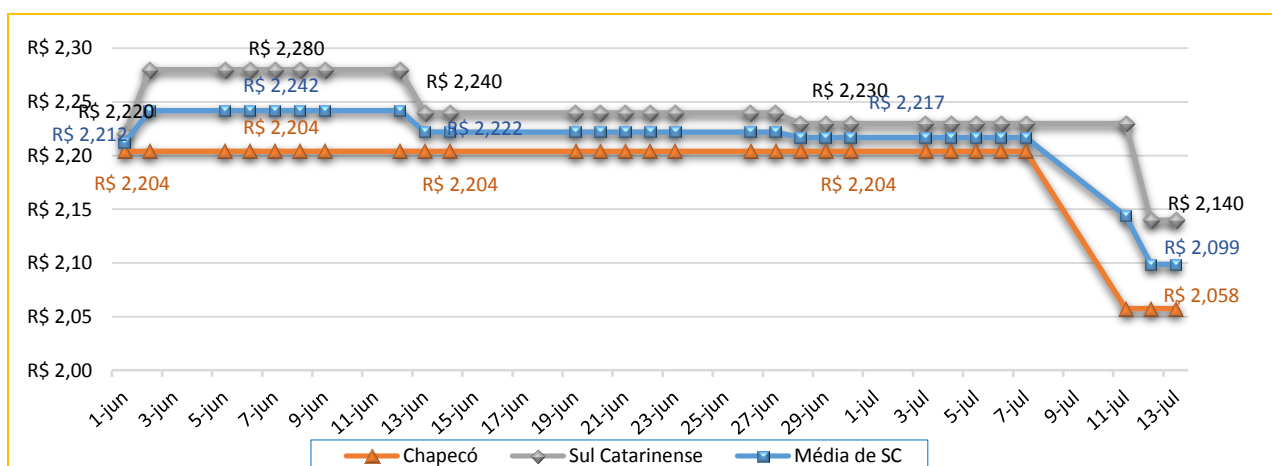
Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Nas últimas semanas, os preços do frango vivo apresentaram comportamentos um pouco distintos nas duas praças de coleta de dados em Santa Catarina. No Sul Catarinense registrou-se aumento de 2,70% nos primeiros dias de junho, o que parecia indicar o início de um processo de recuperação das perdas acumuladas nos meses anteriores. Contudo, cerca de 10 dias depois voltou a se observar uma queda e, no final do mês, nova oscilação negativa. Ainda assim, o preço do frango vivo no Sul Catarinense encerrou junho 0,45% acima da cotação de abertura do mês. Mas, durante a segunda semana de julho, observou-se mais uma queda, dessa vez de 4,04%.

Em Chapecó, por sua vez, o preço se manteve inalterado durante todo o mês de junho e início de julho, até que na segunda semana deste mês registrou-se uma queda significativa (-6,65%).

Levando-se em consideração o preço médio de junho e o preço médio preliminar de julho, a variação é de -2,31% em Chapecó e -1,95% no Sul Catarinense.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1/jun. a 13/jul./2017

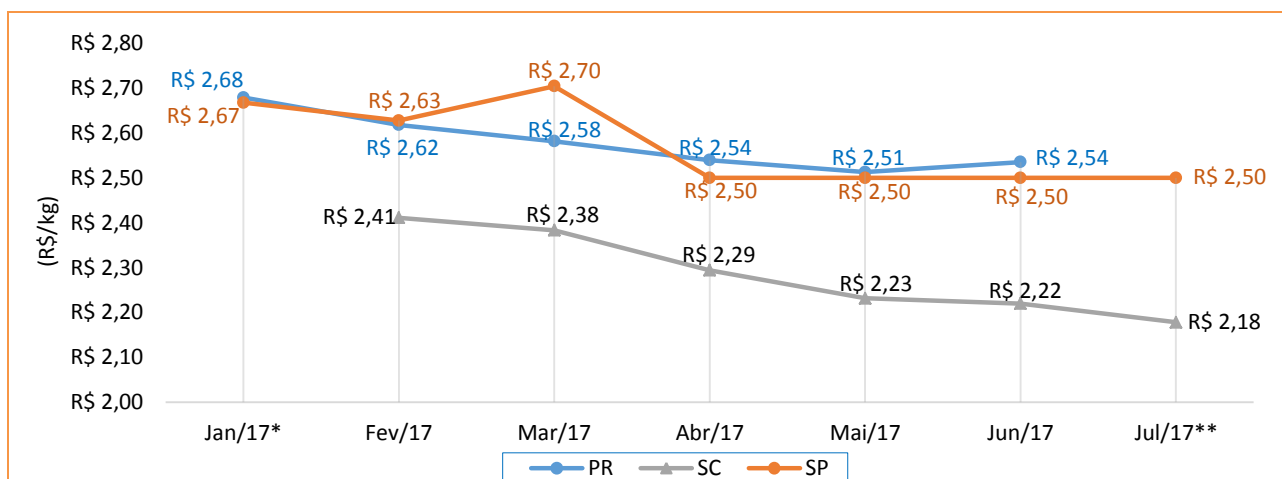
Os preços de 13 de julho (última data de coleta utilizada neste Boletim), em relação àqueles praticados em 13 de março (última coleta realizada antes da deflagração da Operação Carne Fraca), apresentam variações de -12,57% em Chapecó, -11,57% no Sul Catarinense e -12,06% na média estadual.

Na comparação entre Santa Catarina e outros dois importantes estados produtores (Paraná e São Paulo), percebe-se mais uma vez comportamentos distintos dos preços, conforme já havia acontecido no mês passado. Em junho Santa Catarina registrou queda de 0,52% (na média estadual), enquanto no Paraná verificou-se aumento de 0,89%. Já em São Paulo, o preço se manteve inalterado em relação ao mês anterior.

Em julho, Santa Catarina novamente registra queda (-1,88% até o momento), enquanto São Paulo mantém

o mesmo preço dos três meses anteriores. Infelizmente, até a data de finalização deste boletim, a SEAB não havia disponibilizado os preços do Paraná referentes ao mês de julho.

Comparando-se os preços atuais com os valores praticados em julho de 2016, as defasagens são bastante evidentes: -10,88% em Santa Catarina e -10,25% em São Paulo. No Paraná, a variação entre o preço de junho deste ano e o mesmo mês de 2016 é de -8,57%. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, registrada pelo IGP-DI/FGV, foi de -1,51%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2017.

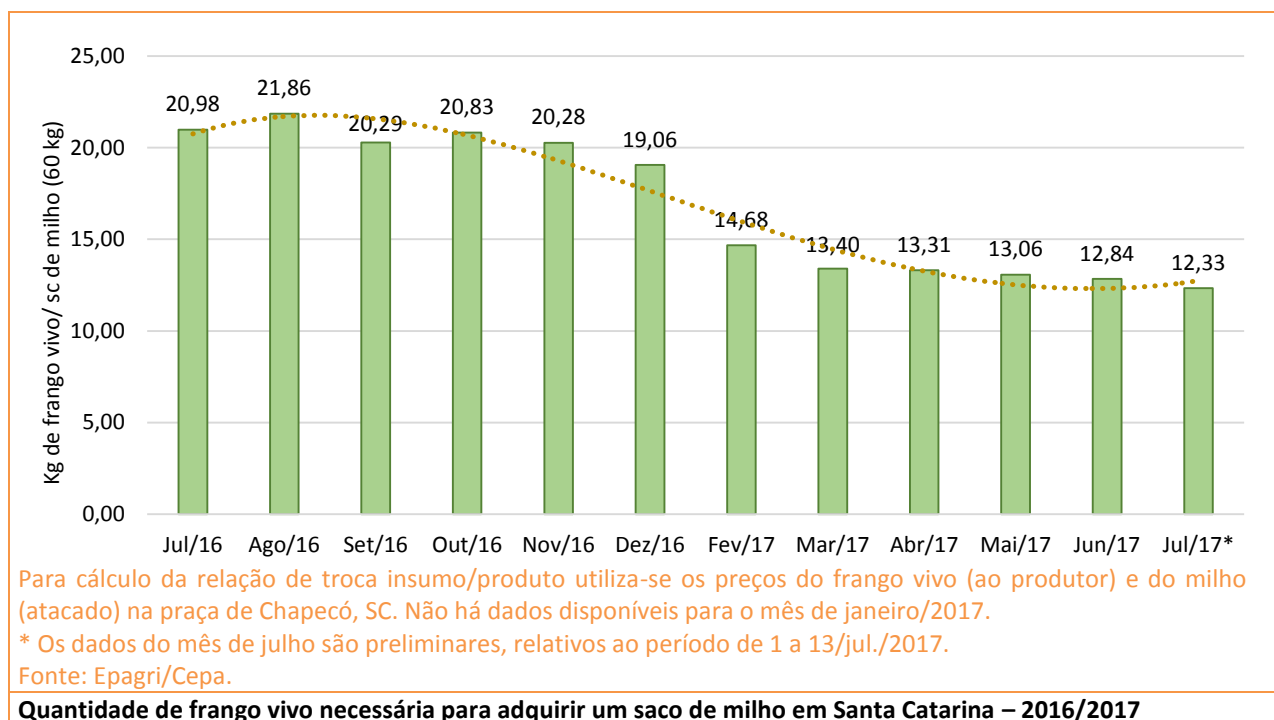
** Os dados do mês de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jul./2017. Até a finalização deste boletim, a SEAB ainda não havia disponibilizado dados do Paraná referentes ao mês de julho.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017

Os custos de produção seguem caindo, embora num ritmo menos intenso que nos meses anteriores. Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em junho o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango) caiu 0,41%. A queda acumulada no ano é de 16,27%. Nos últimos 12 meses a variação atingiu -30,31%.

A relação de troca insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa, novamente registrou queda em julho, como vem ocorrendo desde setembro do ano passado. Após três meses de variações menos expressivas, os dados preliminares de julho indicam uma ligeira acentuação na queda, atingindo-se -3,98% até o momento.



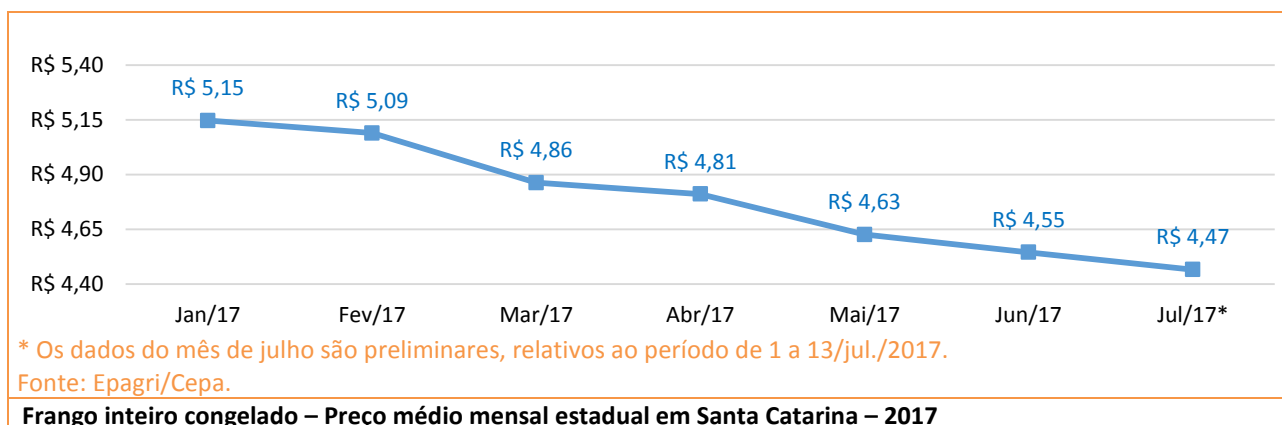
O principal fator responsável pela queda novamente é o preço do milho, que registrou variação de -6,19% entre junho e julho. Em relação a julho de 2016, o preço atual é 48,23% inferior. Já na comparação com o mesmo mês de 2015, a diferença é de -6,43%. A variação negativa no preço do frango na praça de Chapecó (-2,31%, levando-se em consideração as médias mensais de junho e julho) impediu uma queda mais significativa no índice de troca neste mês.

Mais uma vez o levantamento de safra da Conab reforça a expectativa de uma safra recorde. Conforme divulgado no 10º relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, a produção da 1ª safra na temporada 2016/17 foi de 30,40 milhões de toneladas de milho, aumento de 18,01% em relação à safra anterior. Para a 2ª safra as estimativas de produção foram ampliadas em relação ao relatório anterior, devendo-se atingir 65,63 milhões de toneladas, incremento de 60,96% (anteriormente os dados apontavam uma expectativa de aumento de 55,87%). A produção total deve ser de 96,03 milhões de toneladas de milho (44,33% acima do montante colhido na safra anterior).

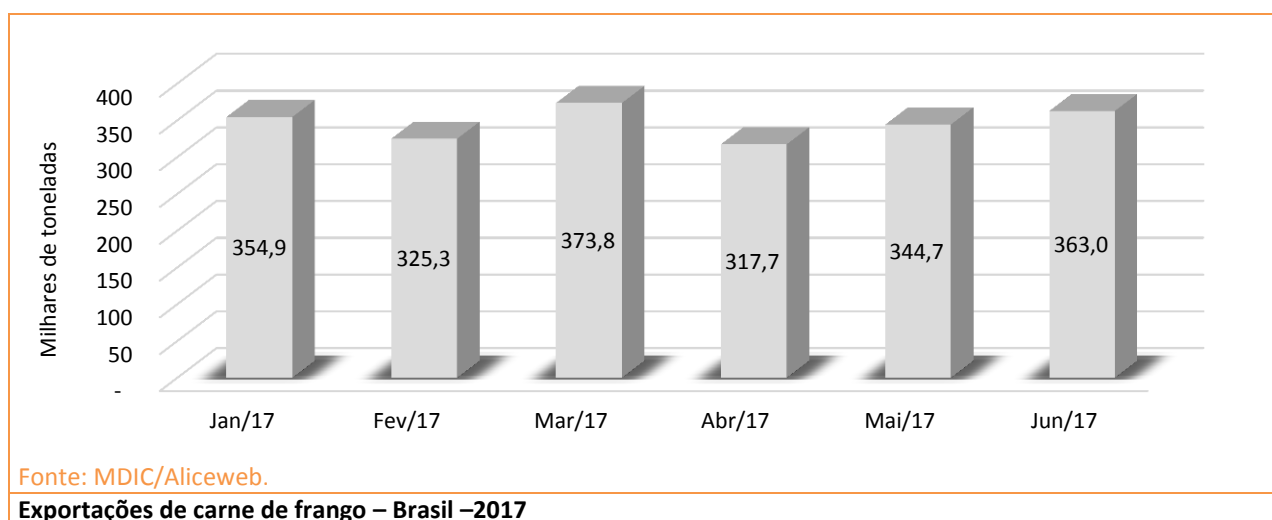
Já em Santa Catarina, os dados da Epagri/Cepa registram a colheita de 3,14 milhões de toneladas de milho na 1ª safra, enquanto a 2ª safra tem estimativa de 85,6 mil toneladas. Com isso, a produção total do Estado na safra 2016/2017 deve ser de 3,23 milhões de toneladas, aumento de 18,45% em relação à safra passada.

A fraca demanda de carnes no mercado interno tem provocado a queda nos preços de atacado, pressionando também os preços ao produtor. Segundo dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA/SP), todos os 4 tipos de carne de frango cujo preço de atacado é acompanhado pela instituição apresentaram queda entre maio e junho no Estado de São Paulo. A variação média foi de -4,02%, sendo a maior oscilação registrada para a sobrecoxa (-7,05%). Já o Centro de Estudos em Economia Aplicada (Cepea), aponta que o preço do frango inteiro congelado caiu 1,43% em julho (média preliminar) em relação à média de junho.

De forma semelhante, os 4 cortes de frango pesquisados pela Epagri/Cepa apresentaram queda no preço preliminar de julho em relação a junho. A maior variação foi observada no preço médio estadual da coxa/sobrecoxa congelada, que caiu 4,59%. O frango inteiro congelado apresenta queda de 1,74% em relação ao mês anterior e de 9,31% na comparação com julho de 2016.



Assim como já havia acontecido em maio, no mês passado registrou-se novamente crescimento nas exportações de carne de frango. Segundo os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em junho o Brasil exportou 363,0 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), aumento de 5,31% em relação a maio. Por outro lado, o montante atual é 10,59% menor que o exportado em junho de 2016.



Quanto às receitas, em junho observou-se aumento de 3,22% em relação a maio, atingindo-se o montante de US\$ 607,8 milhões. No entanto, na comparação com junho do ano anterior a queda foi de 7,15%.

As receitas acumuladas no primeiro semestre deste ano atingiram US\$ 3,53 bilhões, aumento de 5,76% em relação ao mesmo período de 2016. Contudo, a quantidade exportada foi de 2,08 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 6,64% na comparação com o primeiro semestre do ano passado.

Segundo nota divulgada pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne de frango durante o primeiro semestre foram afetadas pelas repercussões da “Operação Carne Fraca” e pelo fechamento parcial de portos no Sul em junho, em decorrência das chuvas intensas.

Em meados de junho, a Comissão Europeia (braço executivo da União Europeia) encaminhou carta ao ministro da agricultura, Blairo Maggi, com fortes críticas ao sistema de controle sanitário brasileiro, sinalizando inclusive a possibilidade de suspensão das importações. No documento, o comissário de saúde

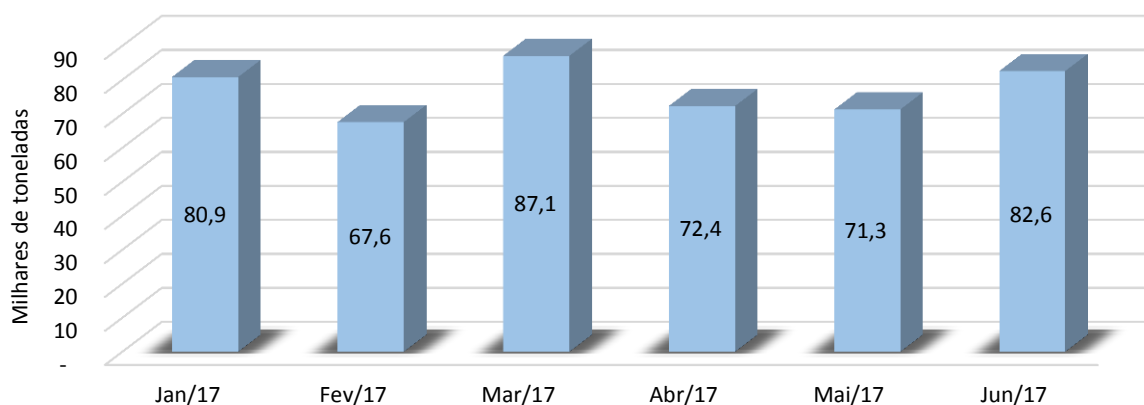
e segurança alimentar da Comissão Europeia, Vytenis Andriukaitis, afirma que "os recentes escândalos enfraquecem a confiança na capacidade das autoridades brasileiras".

Conforme matéria veiculada em 12 de julho pelo jornal Valor Econômico, como resultado desse comunicado da Comissão Europeia, o Mapa suspendeu temporariamente a exportação de carne de frango à União Europeia de unidades de abate das seguintes empresas e cooperativas: Seara/JBS (Sidrolândia/MS, Campo Mourão/PR e Nuporanga/SP), BRF (Uberlândia/MG), Copacol (Cafelândia/PR), Lar (Matelândia/PR), C. Vale (Palotina/PR), Avenorte (Cianorte/PR) e Zancheta (Boituva/SP). A principal inconformidade em relação a essas unidades diz respeito à detecção da bactéria salmonela, segundo notificações da União Europeia. Até o momento o Mapa não divulgou nenhum comunicado oficial a respeito do assunto.

Os principais destinos da carne de frango brasileira no mês passado foram Japão, Arábia Saudita e China, que juntos responderam por 36,87% das receitas do País com esse produto.

Os dados referentes à primeira semana de julho, divulgados pelo MDIC, apontam aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a junho: 10,1% em valor e 15,3% em quantidade. Na comparação com julho de 2016 os resultados preliminares são ainda mais positivos: aumento de 20,9% em valor e 23,3% em quantidade.

Santa Catarina também apresentou números favoráveis nas exportações de frango do último mês. Em junho o Estado exportou 82,63 mil toneladas, aumento de 15,83% na comparação com maio. Essa quantidade está um pouco abaixo do que foi exportado em junho de 2016 (-0,95%), mas mostra uma recuperação dos embarques, principalmente se levarmos em conta que em abril e maio as diferenças foram bem mais significativas: -22,88% e -20,30%, respectivamente. Além disso, esse montante representa o segundo melhor resultado do ano, ficando atrás apenas de março.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017

Em relação às receitas, as exportações catarinenses de frango geraram US\$ 152,77 milhões, aumento de 8,80% em relação ao mês anterior e de 7,96% na comparação com junho de 2016.

As receitas acumuladas no primeiro semestre totalizaram US\$ 863,44 milhões, aumento de 6,12%. Em termos de quantidade, observa-se queda de 7,67% nos embarques do primeiro semestre deste ano (461,91 mil toneladas) em relação a igual período do ano passado.

Em junho, os três principais destinos da carne catarinense foram Japão, China e Países Baixos (Holanda), os quais responderam por 39,66% das exportações do Estado.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Junho/2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	26.760.866,00	12.307
China	18.648.483,00	8.819
Países Baixos (Holanda)	15.174.586,00	6.367
Arábia Saudita	11.262.818,00	6.635
Egito	9.290.662,00	7.159
Demais países	71.634.735,00	41.340
Total	152.772.150,00	82.628

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Apesar dos problemas apontados anteriormente, principalmente em relação à União Europeia, o Mapa estima que a venda de carnes brasileiras (bovina, suína e de aves) ao mercado externo deve crescer 3% este ano, conforme nota do secretário executivo do órgão, Eumar Novacki, divulgada em 11 de julho.

Em junho o IBGE divulgou informações referentes ao abate das principais espécies animais no primeiro trimestre de 2017. Conforme demonstram os dados, o número de frangos abatidos no País entre janeiro e março deste ano aumentou 0,31% em relação ao mesmo período de 2016. Entre as 24 unidades da federação onde ocorrem abates inspecionados de frangos, em 16 foram registrados aumentos, com destaque para o Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

Em termos de peso de carcaça, os dados do IBGE demonstram que no primeiro trimestre deste ano foram produzidas 3,38 milhões de toneladas de carne de frango no País, um aumento de 2,59% em relação ao primeiro trimestre do ano anterior.

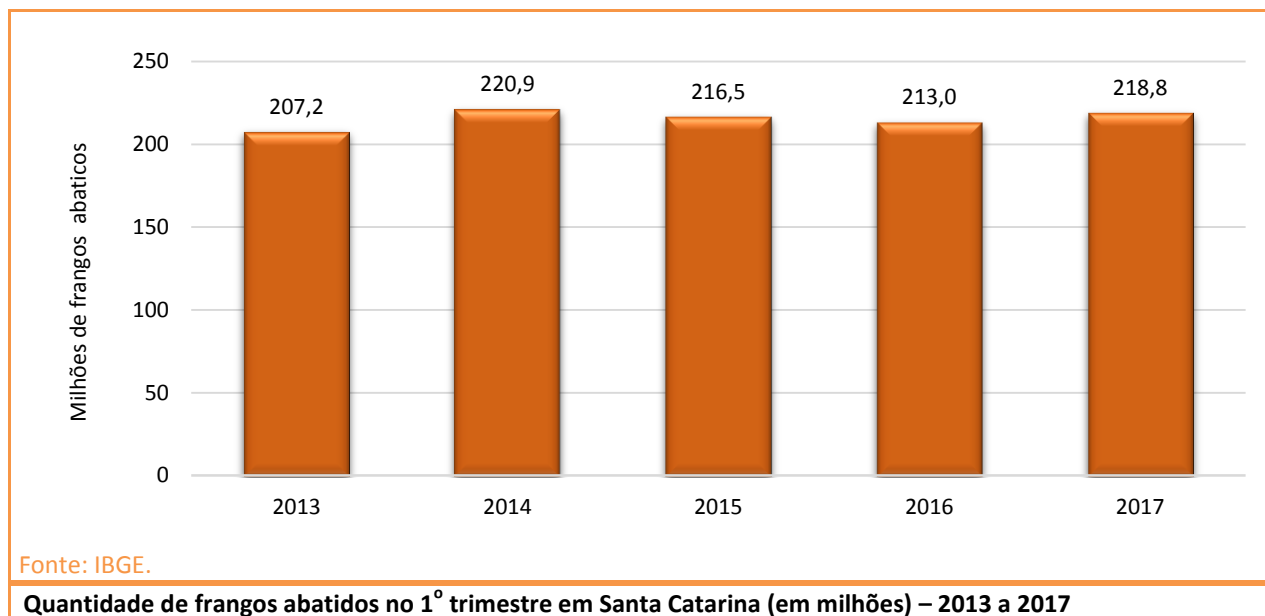


Fonte: IBGE.

Quantidade de frangos abatidos no 1º trimestre no Brasil (em bilhões) – 2013 a 2017

Santa Catarina, por sua vez, apresentou um crescimento mais significativo no número de frangos abatidos no primeiro trimestre deste ano. De acordo com o IBGE, foram abatidos 218,8 milhões de animais, aumento de 2,69% em relação ao ano passado. Esse é o segundo melhor resultado para o período desde 2013.

Em termos de peso de carcaça, foram produzidas 524,4 mil toneladas de carne de frango em Santa Catarina no primeiro trimestre deste ano. Esse resultado representa um incremento de 3,17% em relação ao mesmo período do ano passado.



Não obstante os resultados positivos do primeiro trimestre, recentemente a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) reduziu a expectativa de crescimento da produção brasileira em 2017, que era de 3% a 4%, para no máximo 1%. Conforme a nova projeção, o País deve produzir cerca de 13,1 milhões de toneladas de carne de frango este ano. As razões para essa revisão, de acordo com a ABPA, seriam o cenário conturbado para o setor de proteína animal durante o primeiro semestre. Além disso, o desaquecimento da demanda em função da crise na economia também contribui fortemente para essa mudança.

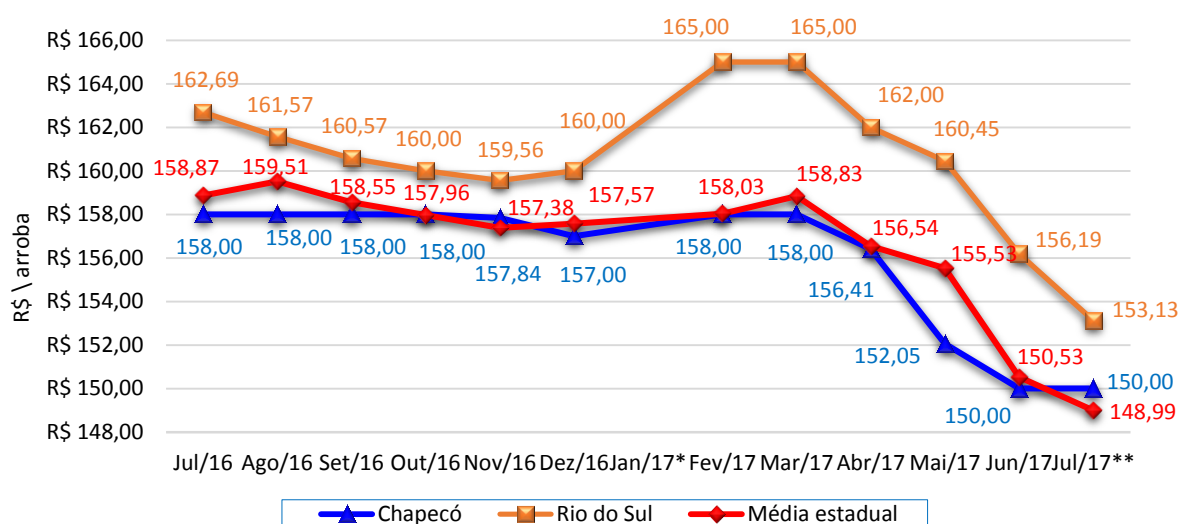
Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

O mercado do boi gordo continua em queda, como vem ocorrendo há vários meses seguidos. Conforme já abordado no Boletim nº 49, essa situação é devida principalmente à crise econômica que atinge o país, tendo sido intensificada em abril, após a deflagração da Operação Carne Fraca. Além disso, alguns fatos posteriores também contribuíram para o agravamento da situação do setor, conforme discutiremos adiante.

Embora mais tardiamente, o mercado do boi gordo em Santa Catarina também foi afetado pelos problemas que atingiram o restante do País. Até março o mercado catarinense apresentava-se relativamente estável, com algumas oscilações pouco significativas. Contudo, a partir de abril os preços do boi gordo começaram a cair num ritmo mais intenso nas principais praças do Estado, conforme é possível observar no gráfico abaixo.

Quando se analisam os preços preliminares de julho, verifica-se que as duas praças de referência para o boi gordo em Santa Catarina apresentaram comportamentos distintos. Em Chapecó o preço manteve-se inalterado em relação a junho. Já em Rio do Sul registra-se queda de 1,96%. A média estadual (que inclui 8 praças de coleta de preços) apresentou oscilação de -1,02%. Conforme destacado no início deste parágrafo, os valores de julho são preliminares e podem sofrer alterações ao longo do mês. Ao analisar os preços diários das duas primeiras semanas, percebe-se que algumas praças aparentemente ainda estão em movimento de queda, o que pode levar a índices de oscilação um pouco maiores até o final do mês. Quando comparados a julho de 2016, os preços atuais apresentam variação de -5,06% em Chapecó, -5,88% em Rio do Sul e -6,22% na média estadual.



⁽¹⁾ Para pagamento em 20 dias.

* No mês de janeiro de 2017 não há dados disponíveis para as praças de Chapecó e Rio do Sul. Em função da ausência das praças de referência, optou-se por não utilizar o preço médio estadual desse período, para evitar distorções.

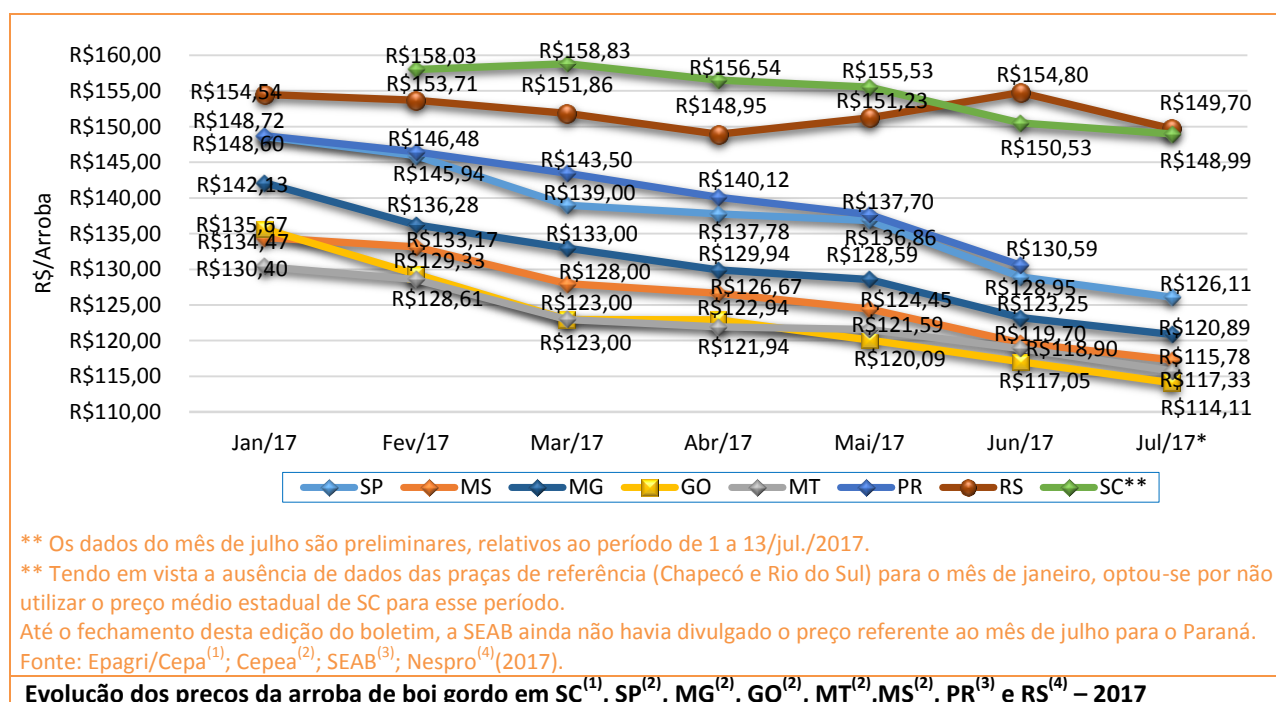
** Os dados do mês de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jul./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

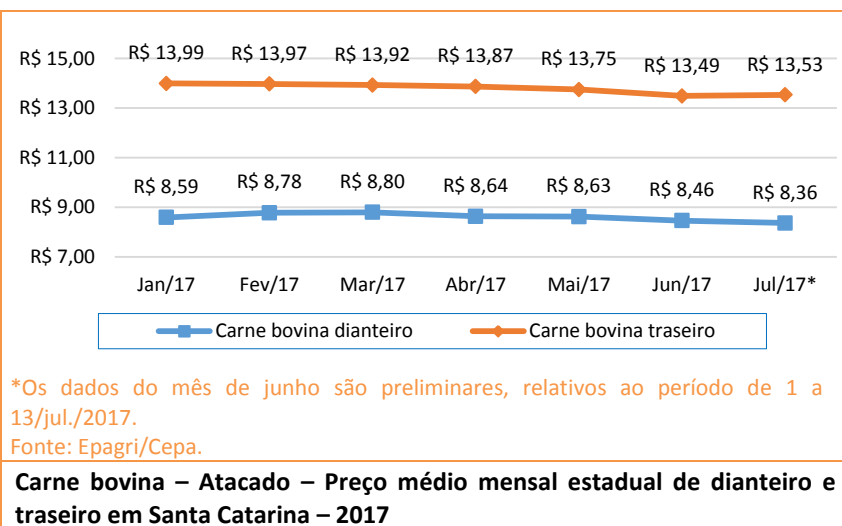
Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016/2017

Em âmbito nacional, a situação também é desfavorável aos produtores. Dos oito estados analisados, sete apresentaram variação negativa nos preços preliminares de julho em relação a junho e um (Paraná) ainda não havia publicado preços relativos ao mês atual até o fechamento desta edição do Boletim Agropecuário. A maior variação é observada no Rio Grande do Sul, onde o preço da arroba caiu 3,29%. Em seguida encontram-se Mato Grosso (-2,63%), Goiás (-2,51%), São Paulo (-2,20), Mato Grosso do Sul (-1,98%), Minas Gerais (-1,92%) e Santa Catarina (-1,02%). Embora todos os estados tenham registrado queda, os índices foram menores que os observados no mês anterior.

Em relação a julho de 2016, a defasagem é bastante significativa: -18,99% em São Paulo, -18,82% em Goiás, -16,56% em Mato Grosso do Sul, -14,87% em Minas Gerais, -14,45% em Mato Grosso, -10,19% no Rio Grande do Sul e -6,22% em Santa Catarina. Santa Catarina continua sendo o estado com as menores variações. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, calculada pelo IGP-DI/FGV, foi de -1,51%.

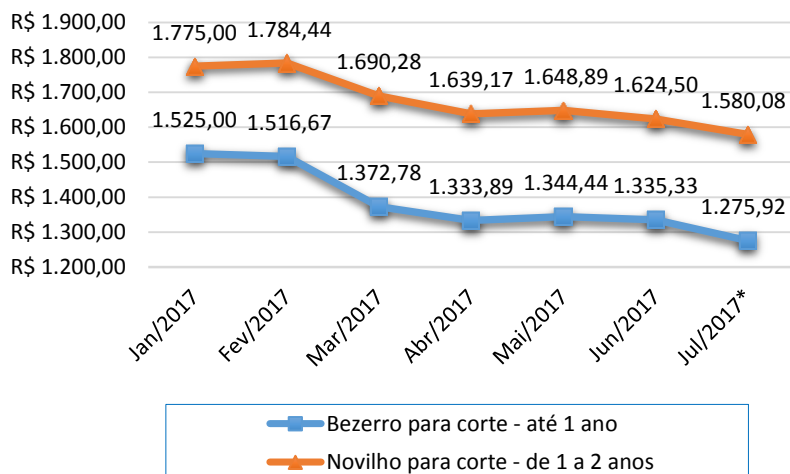


Embora de maneira menos abrupta que o mercado do boi gordo, o atacado também tem refletido o desaquecimento da economia e a queda na demanda por carnes. De acordo com a Epagri/Cepa, o corte dianteiro registra queda de 1,14% no mês de julho (preço preliminar, referente ao período de 1 a 13 de julho) em Santa Catarina. Já no caso do traseiro, até o momento observa-se um pequeno crescimento (0,38%). Em relação a julho de 2016, ambos os cortes registram variações negativas: -6,98% para o dianteiro e -2,30% para o traseiro.



De forma semelhante aos demais segmentos da cadeia produtiva, o mercado de animais de reposição também tem apresentado

variações negativas. O preço do bezerro até 1 ano para corte registra queda de 4,45% na comparação entre junho e julho (preço preliminar), enquanto o novilho de 1 a 2 anos para corte caiu 2,73%. Em relação a julho de 2016, os preços atuais apresentam defasagens de 9,99% para o bezerro e 7,60% para o novilho. No mesmo período os preços do boi gordo em Santa Catarina caíram 6,22%.



* Os dados do mês de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jul./2017.

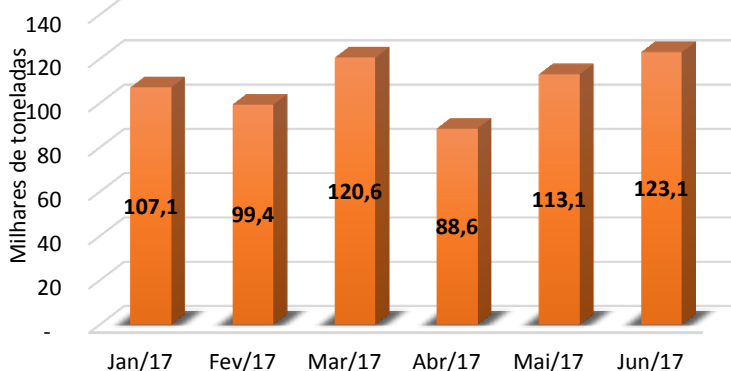
Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2017

A demanda por animais de reposição segue retraída na maior parte do País, principalmente em função dos preços atuais do boi gordo e das perspectivas pouco otimistas no curto prazo.

Apesar das dificuldades do cenário interno, as exportações têm mostrado sinais de reação nos últimos dois meses. Em abril houve uma queda abrupta nos embarques, principalmente em função da Operação Carne Fraca. Contudo, em maio voltou a se observar crescimento nas exportações de carne bovina, movimento que teve continuidade em junho.

Conforme divulgado pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em junho o Brasil exportou 123,09 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de 8,84% em relação a maio e 1,55% na comparação com junho de 2016.



Fonte: MDIC / Aliceweb.

Exportações de carne bovina – Brasil – 2017

As receitas, por sua vez, atingiram o montante de US\$ 509,97 milhões em junho, aumento de 9,69% em relação ao mês anterior e de 8,73% na comparação com junho de 2016.

Apesar dos resultados positivos nos últimos dois meses, no acumulado do primeiro semestre os números ainda são negativos, quando comparados com o mesmo período do ano anterior: 651,87 mil toneladas (-8,48%) e US\$ 2,63 bilhões (-3,40%).

Os dois principais destinos da carne bovina brasileira em junho foram Hong Kong e China, responsáveis por 36,65% das receitas geradas com esse produto.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Junho/2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	120.098.286,00	30.790
China	66.826.255,00	15.608
Egito	47.352.815,00	13.060
Rússia	41.977.139,00	12.768
Irã	35.343.010,00	8.573
Demais países	198.373.123,00	42.289
Total	509.970.628,00	123.089

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Os dados referentes à primeira semana de julho, divulgados pelo MDIC, apontam aumento na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a junho: 5,43% em valor e 4,62% em quantidade. Na comparação com julho de 2016, os resultados preliminares são ainda mais positivos: aumento de 36,85% em valor e 27,60% em quantidade.

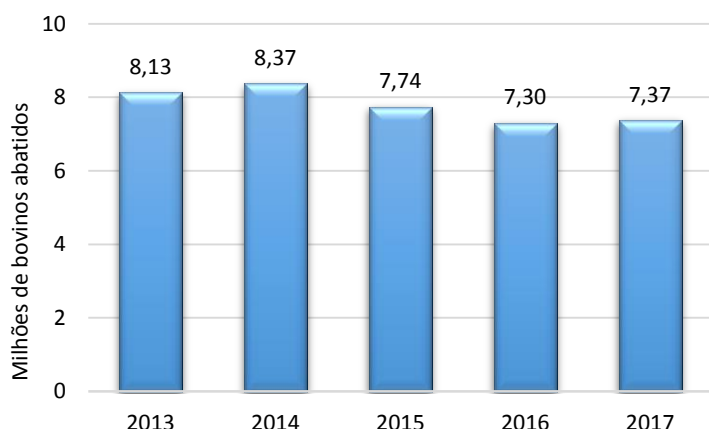
Conforme comunicado divulgado pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), “o ambiente no mercado internacional ainda é de oferta restrita e o Brasil deverá continuar sua recuperação nos próximos meses para atingir pelo menos o mesmo patamar de vendas de 2016”. O secretário executivo do Mapa, por sua vez, divulgou nota destacando que as vendas de carnes brasileiras (bovina, suína e de aves) ao mercado externo devem crescer 3% este ano, sem que tenha especificado os percentuais previstos para cada tipo de carne.

Contudo, na segunda quinzena de junho os Estados Unidos anunciaram a suspensão das importações de carne bovina *in natura* brasileira, devido a “preocupações recorrentes” com a segurança sanitária dos produtos destinados ao mercado americano, informou o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA). O órgão destacou ainda que a suspensão será mantida até que o Mapa tome medidas corretivas que o USDA considerar satisfatórias.

Segundo o Mapa, a causa principal das inconformidades que levaram ao posicionamento do USDA foram reações adversas à vacina contra febre aftosa, provocando abscessos na carne de alguns bovinos. Após o anúncio do embargo, o Ministério informou que vai investigar os motivos da reação à vacina e realizar auditorias nos frigoríficos que exportaram para os EUA.

Apesar dos EUA representarem menos de 3% das exportações brasileiras de carne *in natura* (dados de 2017), teme-se que a suspensão possa afetar ainda mais a imagem da carne brasileira no exterior, a qual já sofreu desgastes significativos por conta da Operação Carne Fraca e da divulgação do acordo de delação premiada envolvendo os donos da JBS.

Em junho o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao primeiro trimestre de 2017 das principais espécies animais criadas no Brasil. No caso dos bovinos, registrou-se um pequeno aumento de 0,87% no total de cabeças abatidas no País, em relação ao mesmo período de 2016. Ainda assim, esse é o segundo pior resultado para o primeiro trimestre dos últimos cinco anos. Das 27 unidades da federação pesquisadas, 11 registraram aumento nos abates de bovinos, com destaque para Goiás, Tocantins, Rondônia, Pará e Bahia.



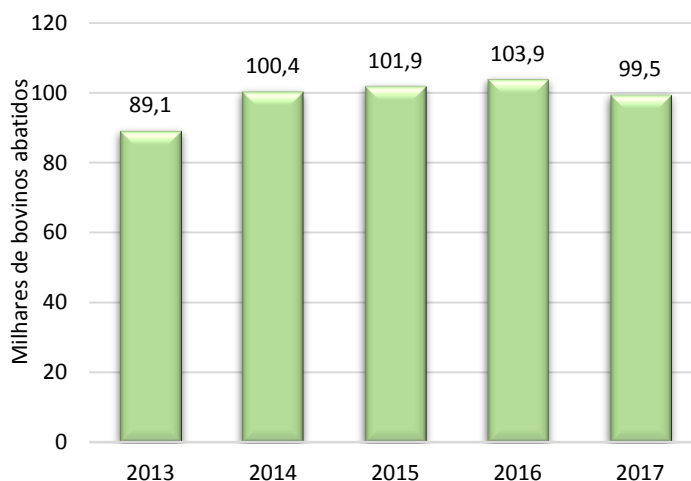
Fonte: IBGE (2016).

Quantidade de bovinos abatidos no 1º trimestre no Brasil (em milhões) – 2013 a 2017

Em termos de peso de carcaça, no primeiro trimestre deste ano foi produzido 1,79 milhão de toneladas de carne bovina no País, queda de 0,49% em relação ao ano anterior. Levando em conta que o número de animais abatidos aumentou, conclui-se que o peso médio de abate está menor que no ano anterior.

Em Santa Catarina, o número de bovinos abatidos no primeiro trimestre de 2017 caiu 4,31% em relação ao mesmo período do ano passado. O resultado deste ano é o segundo pior desde 2013.

A produção de carne, por sua vez, registrou queda ainda mais significativa no Estado. Entre janeiro e março deste ano foram produzidas 21,66 mil toneladas de carcaça bovina, o que representa uma queda de 7,02% em relação ao ano anterior.



Fonte: IBGE (2016).

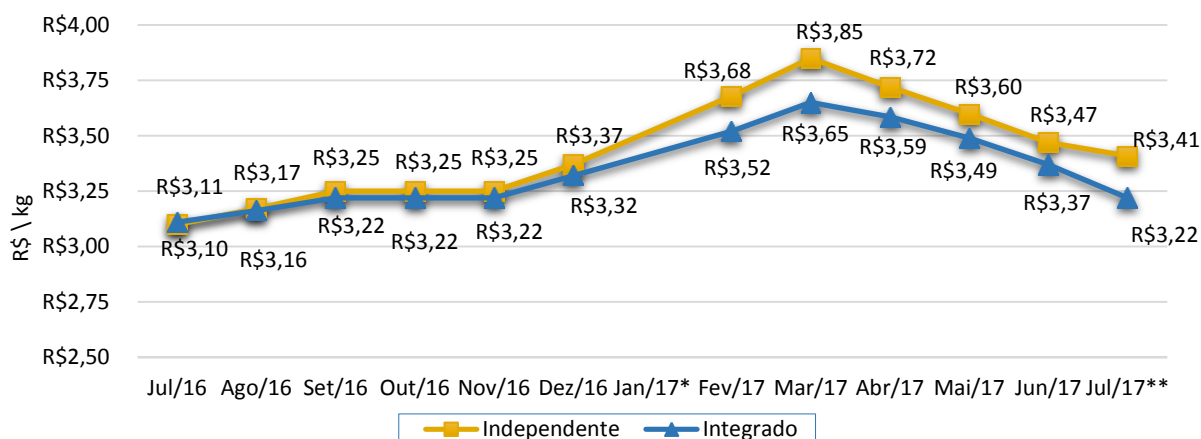
Quantidade de bovinos abatidos no 1º trimestre em Santa Catarina (em milhares) – 2013 a 2017

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Pelo quarto mês seguido registra-se queda nos preços pagos pelo suíno vivo em Chapecó. Esse movimento iniciou-se na segunda quinzena de março, após a deflagração da Operação Carne Fraca, e persistia até a publicação deste boletim. Para que se tenha noção do impacto desse processo, entre 13 de março (última data anterior à deflagração da operação em que há preços disponíveis) e 13 de julho (data de finalização deste boletim), os preços pagos em Chapecó caíram 11,69% para os produtores independentes e 11,78% para os integrados.

Em relação a junho, os preços preliminares de julho na praça de Chapecó oscilaram -3,61% para o produtor independente e -3,44% para o integrado. Apesar dessas quedas, os preços atuais ainda estão acima daqueles praticados em julho de 2016: 100% para o produtor independente e 3,54% para o integrado.



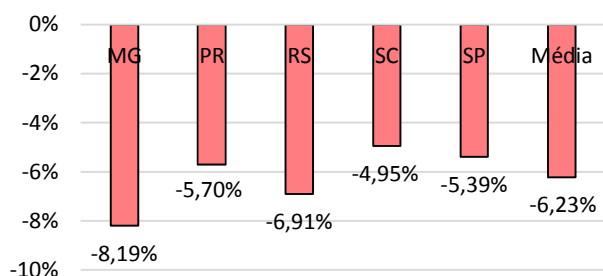
* Não há dados disponíveis para a praça de Chapecó no mês de janeiro/2017.

** Os dados do mês de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jul./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016/2017

Conforme já havia sido sinalizado no Boletim nº 49, o mês de junho foi bastante crítico para os produtores de suínos dos estados analisados, com uma queda média de 6,71% em relação a maio (tendo como extremos -3,68% em Minas Gerais e -9,44% em São Paulo). De acordo com os dados preliminares, julho deve manter essa tendência, conforme é possível perceber no gráfico abaixo.

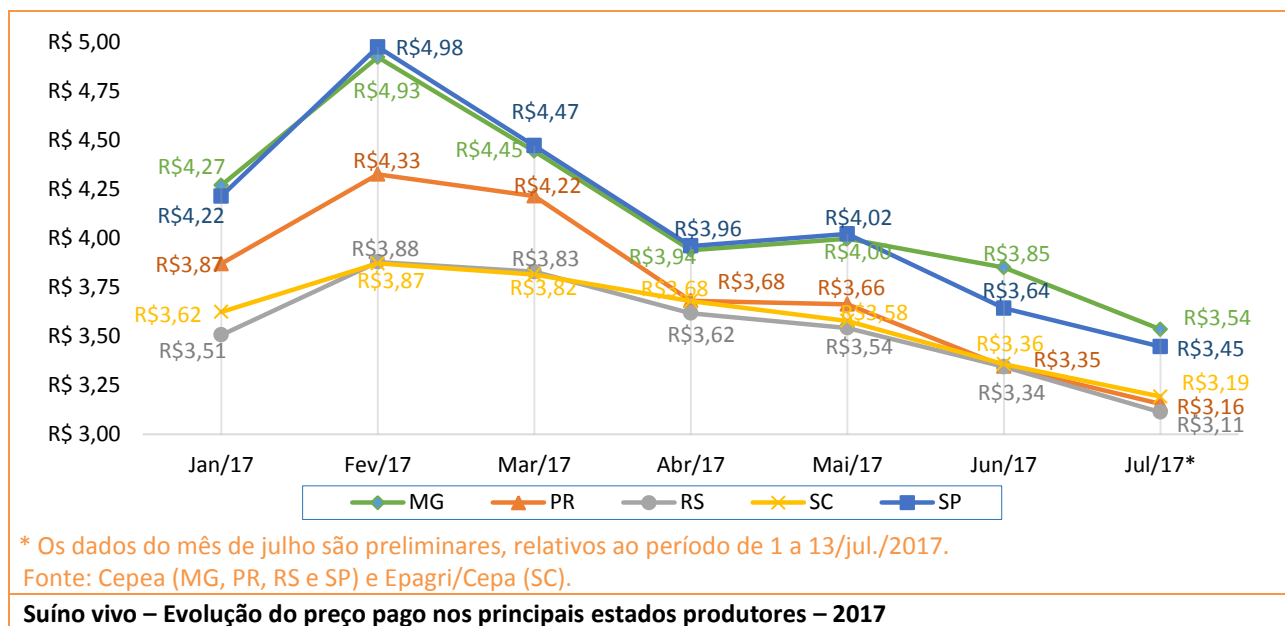


Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (jun./2017 – jul./2017 [preliminar])

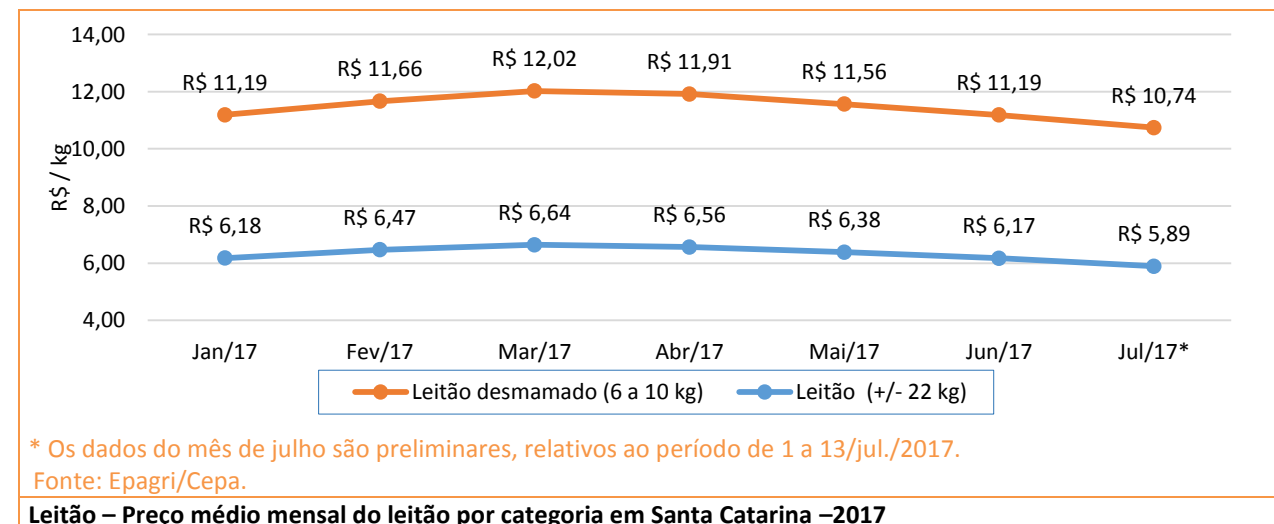
De acordo com os dados disponíveis até o momento, os cinco estados analisados apresentam variações negativas. A maior queda é observada em Minas Gerais (-8,19%), seguido por Rio Grande do Sul (-6,91%), Paraná (-5,70%), São Paulo (-5,39%) e Santa Catarina (-4,95%). A variação média nesses estados é de -6,23%. É importante destacar que, após se atingir os patamares mais baixos nos primeiros dias deste mês, a partir do final da primeira semana de julho registra-se uma leve reação nos preços diários da maioria dos estados. Contudo, ainda é cedo para afirmar se é uma reação consistente e capaz de reverter a tendência dos últimos meses.

O gráfico abaixo apresenta a evolução do preço pago ao produtor pelo quilo do suíno vivo nos cinco estados supramencionados nos últimos 6 meses.



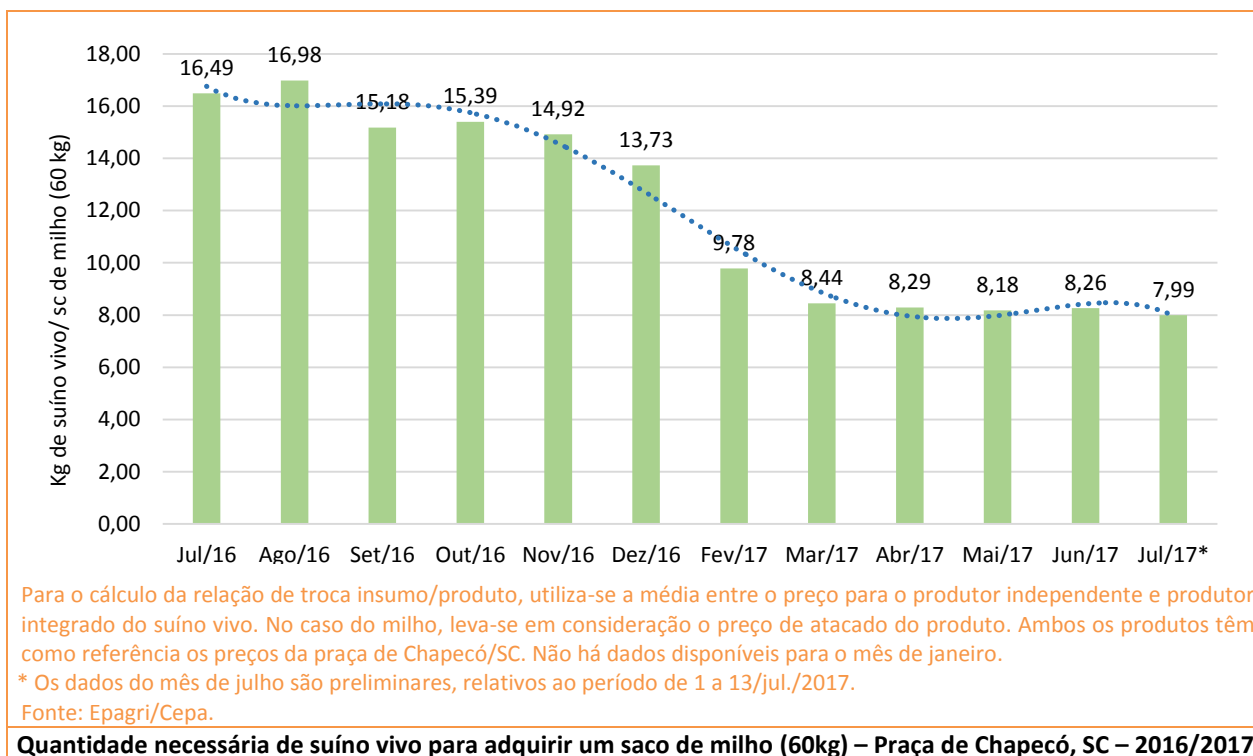
Quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em julho de 2016, verifica-se que somente Santa Catarina e Rio Grande do Sul registram variação positiva, com 2,82% e 2,12%, respectivamente. Nos demais são observadas quedas nos preços nominais do suíno vivo: -10,99% em Minas Gerais, -1,83% no Paraná e -1,16% em São Paulo. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, registrada pelo IGP-DI/FGV, foi de -1,51%.

O movimento de queda no preço do suíno vivo nos últimos meses também tem afetado os preços dos leitões. Pelo quarto mês consecutivo registra-se queda nos preços das duas categorias de leitões. Em comparação a junho, as médias preliminares de julho demonstram queda de 3,98% para os leitões de 6 a 10kg e de 4,51% para os leitões de +/-22kg. Na comparação com julho de 2016, os preços atuais ainda se sobressaem: diferença de 5,66% e 4,90% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg, respectivamente.



Diante desse cenário desfavorável, o que tem minimizado os impactos da redução dos preços ao produtor é a queda nos custos de produção. De acordo com a Embrapa Suínos e Aves, o Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno) teve queda de 0,28% em junho, em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula queda de 16,92%, resultante principalmente da redução nos custos com alimentação animal (-16,72% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação no ICPSuíno foi de -31,10%.

A relação de troca insumo/produto, calculada pela Epagri/Cepa, também indica uma redução significativa nos custos nos últimos 12 meses, em especial a partir do início deste ano, conforme é possível observar no gráfico abaixo.



Alterando o comportamento observado desde novembro, em junho a relação de troca apresentou variação positiva (0,97%), ocasionada principalmente pela queda no preço do suíno vivo (-3,53%), que foi superior à redução do milho no atacado (-2,59%).

Embora o preço do suíno vivo siga em queda, os dados preliminares de julho apontam que a relação de troca voltou a cair (-3,22%) em função da aceleração do ritmo de baixa do milho (-6,19%, de acordo com os levantamentos preliminares da primeira quinzena deste mês). O preço atual do milho está 48,23% abaixo daquele praticado em julho de 2016. Já a relação de troca registra variação de -51,51% no mesmo período.

Conforme já abordado no artigo que trata da avicultura, o levantamento de safra da Conab mais uma vez ratifica a expectativa de uma safra recorde no País. De acordo com o 10º relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2016/17, a produção da 1ª safra na temporada 2016/17 foi de 30,40 milhões de toneladas de milho, aumento de 18,01% em relação à safra anterior. Para a 2ª safra as estimativas de produção foram ampliadas em relação ao relatório anterior, devendo-se atingir 65,63 milhões de toneladas, incremento de 60,96%. A produção total deve ser de 96,03 milhões de toneladas de milho (44,33% acima do montante colhido na safra anterior).

Já em Santa Catarina, os dados da Epagri/Cepa registram a colheita de 3,14 milhões de toneladas de milho na 1ª safra, enquanto a 2ª safra tem estimativa de 85,6 mil toneladas. Com isso, a produção total do Estado na safra 2016/2017 deve ser de 3,23 milhões de toneladas, aumento de 18,45% em relação à safra passada.

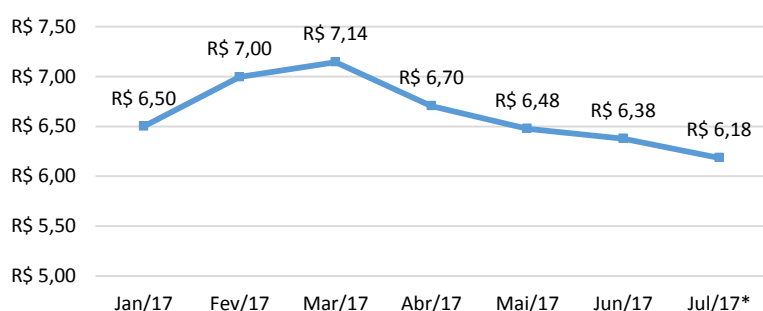
Se, por um lado, o preço e a disponibilidade do principal insumo produtivo deixam de ser inquietações (como ocorreu durante quase todo o ano passado), por outro, a enfraquecida demanda no mercado interno segue como preocupação. Os dados da Epagri/Cepa demonstram quedas nos preços preliminares de julho em quatro dos cinco cortes cujo preço de atacado é acompanhado pela instituição. A variação mais significativa ocorreu no preço da carcaça, com queda de 3,03% no período. O único corte com variação positiva foi a costela (sem couro), com aumento de 0,64%.

Carne suína – Preços médio estadual no atacado - Santa Catarina – 2017			
Produto	Mai/17	Junho/17	Julho/17*
Carré (sem couro)	R\$ 9,40	R\$ 8,21	R\$ 8,20
Costela (sem couro)	R\$ 13,88	R\$ 13,00	R\$ 13,08
Lombo	R\$ 11,71	R\$ 11,70	R\$ 11,67
Carcaça	R\$ 6,48	R\$ 6,38	R\$ 6,18
Pernil (com osso e sem couro)	R\$ 7,60	R\$ 7,22	R\$ 7,21

* Os dados do mês de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jul./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço de atacado da carcaça (média mensal) de janeiro a julho deste ano. Como fica evidente, desde março o preço deste corte vem sofrendo quedas consecutivas, em decorrência das dificuldades de mercado ocasionadas pela crise econômica e agravadas pelos escândalos que envolveram o setor de proteína animal.



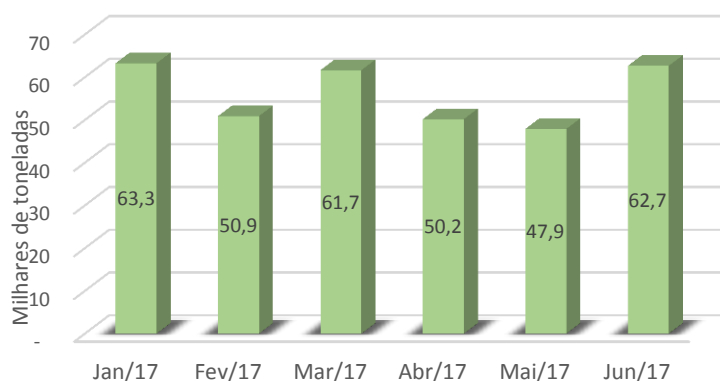
* Os dados do mês de julho são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/jul./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017

exportou 62,67 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), aumento de 30,78% em relação a maio e de 3,94% na comparação com junho de 2016.

Com o mercado interno em ritmo lento, apostava-se grande parte das fichas no mercado externo para alavancar o setor este ano. Contudo, diversos fatores já abordados nas edições anteriores do Boletim Agropecuário criaram dificuldades também nesse campo. No entanto, após dois meses de quedas consecutivas, em junho as exportações voltaram a apresentar desempenho favorável. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), naquele mês o Brasil



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Brasil – 2017

Em termos de receitas, as exportações de carne suína atingiram o montante de US\$ 154,53 milhões em junho, aumento de 25,98% em relação a maio e de 26,93% na comparação com junho do ano passado.

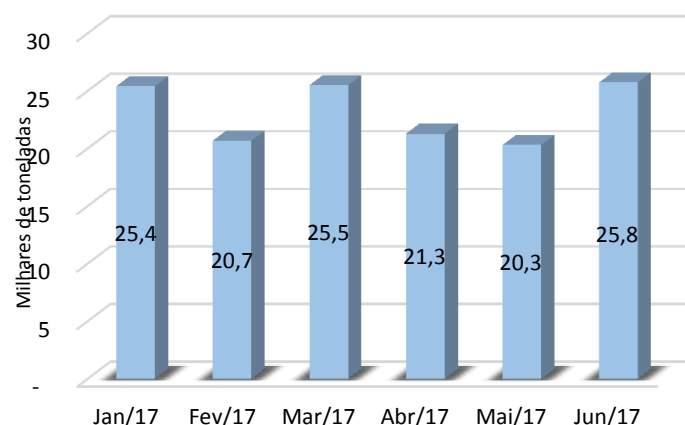
Durante o primeiro semestre deste ano foram exportadas 336,67 mil toneladas de carne suína, queda de 2,97% em relação ao mesmo período de 2016. Já as receitas apresentaram incremento de 28,68% nos seis primeiros meses, atingindo US\$ 807,3 milhões, o melhor resultado já registrado para um

semestre nos últimos cinco anos.

Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em junho foram Rússia, Hong Kong, Uruguai, Cingapura e China, que juntos foram responsáveis por 82,04% das receitas com esse produto. Destaca-se a redução no ritmo de importações da China nos últimos meses, principalmente após da deflagração da Operação Carne Fraca. Em junho o País importou 3,48 mil toneladas, queda de 72,45% em relação ao mesmo mês de 2016. Por outro lado, a Rússia aumentou as importações de carne suína brasileira este ano. Em junho os russos adquiriram 26,37 mil toneladas, aumento de 48,84% em relação a junho de 2016.

Os dados referentes à primeira semana de julho, divulgados pelo MDIC, apontam aumento na média diária de embarques de carne suína *in natura* em relação a junho: 15,33% em valor e 18,47% em quantidade. Na comparação com julho de 2016, os resultados preliminares são ainda mais positivos: aumento de 46,26% em valor e 22,37% em quantidade.

Santa Catarina também registrou variação positiva na exportação de carne suína no mês passado. O Estado exportou 25,76 mil toneladas em junho, aumento de 26,71% em relação ao mês anterior e de 8,18% na comparação com junho de 2016.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017

Em relação às receitas, em junho registrou-se o montante de US\$ 63,72 milhões, aumento de 22,45% em relação a maio e de 33,06% na comparação com junho de 2016.

Os cinco principais destinos da carne suína de Santa Catarina foram Rússia, Hong Kong, China, Chile e Angola, que juntos responderam por 84,10% das receitas. Aqui também se chama a atenção para a redução das exportações catarinenses para a China. Em junho os chineses compraram 2,91 mil toneladas de carne suína do Estado, o que representa uma queda 68,45% em relação ao mesmo período do ano passado.

Enquanto isso, a Rússia ampliou suas importações de Santa Catarina. Em junho foram embarcados para aquele país 11,58 mil toneladas, um aumento de 126,57% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Em termos de valor, o aumento é ainda mais surpreendente: 231,28%.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Junho de 2017

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Rússia	33.663.726,00	11.583
Hong Kong	7.477.968,00	3.549
China	5.789.022,00	2.914
Chile	4.151.511,00	1.715
Angola	2.504.798,00	1.862
Outros países	10.128.045,00	4.138
Total	63.715.070,00	25.760

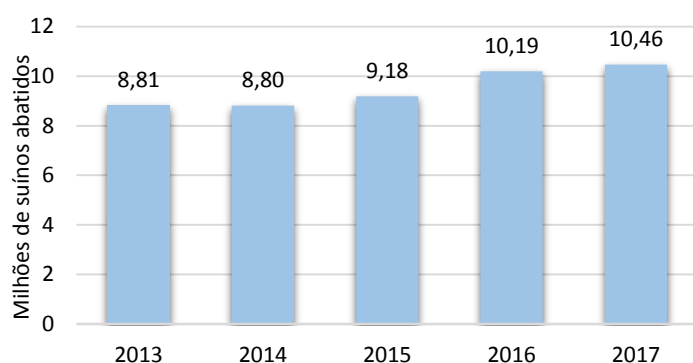
Fonte: MDIC/Aliceweb.

No acumulado do primeiro semestre, as exportações catarinenses de carne suína registram um aumento de 8,29% na quantidade e 42,95% nas receitas, na comparação com igual período do ano anterior.

De acordo com nota divulgada recentemente pelo secretário executivo do Mapa, o órgão estima que a venda de carnes brasileiras (bovina, suína e de aves) ao mercado externo deve crescer 3% este ano.

Em junho o IBGE divulgou informações referentes ao abate das principais espécies animais no primeiro trimestre de 2017. Conforme demonstram os dados, o número de suínos abatidos no País entre janeiro e março deste ano aumentou 2,64% em relação ao mesmo período de 2016, atingindo o montante de 10,46 milhões de cabeças. Esse é o melhor resultado registrado para o período desde 1997, quando o IBGE iniciou a coleta desses dados. Das 25 unidades da federação participantes da pesquisa do IBGE, em 12 observou-se aumento no número de animais abatidos, com destaque para Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná e Minas Gerais.

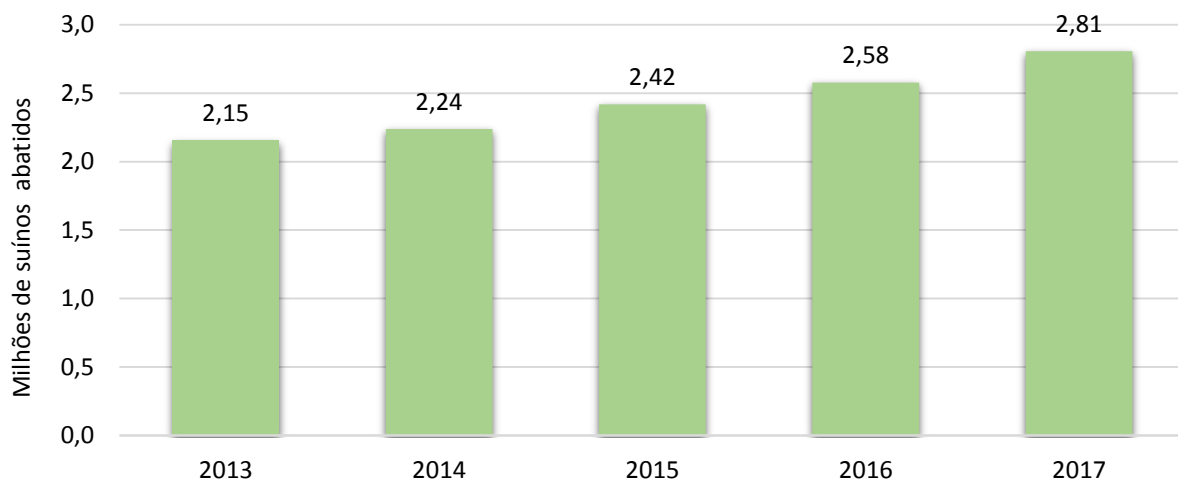
Em termos de peso de carcaça, no primeiro trimestre deste ano foram produzidas 889,41 mil toneladas de carne suína no País, um aumento de 0,98% em relação ao primeiro trimestre do ano anterior.



Fonte: IBGE.

Quantidade de suínos abatidos no Brasil durante o 1º trimestre (em milhões) – 2013 a 2017

Em Santa Catarina verifica-se um crescimento ainda mais significativo que no âmbito nacional no número de suínos abatidos no primeiro trimestre deste ano. De acordo com o IBGE, foram abatidos 2,81 milhões de animais, aumento de 8,87% em relação ao mesmo período do ano passado, e produzidas 243,17 mil toneladas de carne suína no Estado. Esse resultado representa um incremento de 4,44% em relação ao primeiro trimestre do ano passado.



Fonte: IBGE.

Quantidade de suínos abatidos em Santa Catarina durante o 1º trimestre (em milhões) – 2013 a 2017

Em meados de junho o Mapa divulgou a estimativa do valor bruto da produção agropecuária (VBP) de 2017, que deve ser de R\$ 546,3 bilhões, valor 5,3% superior ao de 2016. Um dos destaques para que se alcance esse resultado deve ser a carne suína, cujo crescimento no VBP é estimado em 10,5%.

Leite

Tabajara Marcondes

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

tabajara@epagri.sc.gov.br

As limitações quantitativas e qualitativas das informações acerca do desempenho da atividade leiteira brasileira já foram destacadas mais de uma vez em versões anteriores desse Boletim Agropecuário. Essas limitações podem se ampliar, e têm se ampliado, em face de vários aspectos entre os quais se podem destacar a falta de atualização das pesquisas estruturais (como é o caso do Censo Agropecuário) e características metodológicas de algumas pesquisas sistemáticas.

Neste caso, um bom exemplo é a Pesquisa Trimestral do Leite (PTL), do IBGE, que, com pequena defasagem de tempo, tem a virtude de permitir o conhecimento da quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas das unidades da federação e do Brasil e a limitação de não informar a origem do leite adquirido.

Assim, a cada divulgação dos resultados da PTL/IBGE toma-se conhecimento da quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas do País e dos estados, mas com a limitação de não ser possível saber se o comportamento verificado no recebimento das indústrias de cada estado foi decorrente do que houve com a sua produção ou do que houve na comercialização interestadual, ou das duas coisas.

O exemplo de Santa Catarina é ilustrativo de como a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas nem sempre tem relação direta com o que ocorre com a produção estadual. Segundo a PTL/IBGE, no primeiro trimestre de 2017 a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas de Santa Catarina decresceu 0,9% em relação ao primeiro trimestre 2016.

Quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas – 2015/2017

UF	Bilhão de litros					Variação %		
	Ano		1º Trimestre			Anual	Trimestral	
	2015	2016	2015	2016	2017	2016/15	2016/15	2017/16
MG	6.442,4	6.106,3	1.684,0	1.586,5	1.515,6	-5,2	-5,8	-4,5
RS	3.488,3	3.249,6	848,3	809,1	791,0	-6,8	-4,6	-2,2
PR	2.838,3	2.744,0	748,2	674,1	687,2	-3,3	-9,9	1,9
SP	2.607,5	2.558,6	616,2	618,0	678,8	-1,9	0,3	9,8
GO	2.449,6	2.313,5	646,7	606,4	620,4	-5,6	-6,2	2,3
SC	2.348,4	2.438,2	568,7	577,9	572,5	3,8	1,6	-0,9
RO	698,9	699,6	185,1	183,4	185,8	0,1	-0,9	1,3
RJ	539,8	558,5	133,4	142,0	156,7	3,5	6,5	10,3
MT	548,3	521,9	150,0	148,8	138,4	-4,8	-0,8	-7,0
BA	332,4	320,5	93,5	82,8	88,1	-3,6	-11,4	6,4
10 UF	22.293,9	21.510,7	5.674,0	5.429,1	5.434,6	-3,5	-4,3	0,1
Outras UF	1.768,4	1.659,0	461,4	432,2	434,6	-6,2	-6,3	0,5
Brasil	24.062,3	23.169,7	6.135,4	5.861,4	5.869,3	-3,7	-4,5	0,1

Os dados dos anos de 2016 e 2017 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Isso contraria frontalmente os dados pesquisados pela Epagri/Cepa junto a parte importante das indústrias localizadas na Região Oeste e as informações esporádicas da maior parte das indústrias, que indicam que tanto no primeiro trimestre quanto nos meses mais recentes a produção leiteira estadual deste ano tem sido sensivelmente superior à do ano passado.

Leite – Quantidade recebida por parte das indústrias localizadas no Oeste Catarinense – 2015-17

Mês/ano	Milhões de litros			Variação %	
	2015	2016	2017	2016/2015	2017/2016
Janeiro	121,7	113,2	121,7	-7,0	7,5
Fevereiro	97,5	100,0	103,5	2,5	3,5
Março	101,7	103,4	107,5	1,7	3,9
Abril	92,3	93,0	98,6	0,7	6,0
Maio	101,2	96,4	105,3	-4,7	9,2
Junho	109,4	101,8		-7,0	
Julho	117,8	121,3		3,0	
Agosto	129,0	136,6		5,8	
Setembro	129,2	139,7		8,1	
Outubro	126,0	131,2		4,2	
Novembro	118,5	119,6		1,0	
Dezembro	120,1	123,2		2,6	
Total	1.364,4	1.379,4		1,1	

Fonte: Epagri/Cepa.

Mesmo com essa limitação, a PTL/IBGE é a principal fonte para se conhecer o andamento da comercialização de leite dos produtores para as indústrias inspecionadas. Neste sentido, a recente divulgação pelo IBGE dos dados relativos ao primeiro trimestre de 2017 mostra uma quantidade praticamente idêntica à do mesmo período de 2016, o que consolida a ideia de que os preços dos lácteos e aos produtores só se mantiveram firmes nos primeiros meses de 2017 por estabilidade de oferta e não por crescimento da demanda.

Assim era esperado que qualquer crescimento mais sensível de oferta implicaria em redução de preços no atacado e aos produtores. Esse crescimento já ficou bem evidenciado pelo ICAP-L/Cepea dos meses mais recentes.

Índice de Captação de Leite Cepea² (ICAP-L/Cepea) - Brasil - 2016- 17

Mês	Índice		Variação 2017/16 (%)
	2016	2017	
Janeiro	185,67	181,58	-2,2
Fevereiro	177,17	176,00	-0,7
Março	164,15	170,66	4,0
Abril	158,59	168,79	6,4
Maio	156,01	170,07	9,0
Junho	158,23		
Julho	166,19		
Agosto	176,49		
Setembro	187,50		
Outubro	187,65		
Novembro	188,73		
Dezembro	188,54		
Total	2094,92		

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004).

² Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE.

A repercussão negativa sobre o preço aos produtores já se evidenciou na reunião do mês de junho do Conceleite/SC e nos preços levantados pela Epagri/Cepa, e tende a se acentuar ao longo do segundo semestre, quando se espera produção maior que os patamares atuais e mesmo que a do segundo semestre de 2016.

